



Aula 03 – Parnasianismo, Simbolismo e Pré- Modernismo

ITA 2021

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
<i>1 – Parnasianismo</i>	4
<i>2 – Simbolismo</i>	9
<i>3 – Pré-modernismo</i>	13
<i>4 – Exercícios</i>	19
<i>4.1 – Lista de exercícios</i>	19
<i>4.2 - Gabarito</i>	43
<i>4.3 - Questões comentadas</i>	44
<i>5 – Referências</i>	76
<i>Considerações finais</i>	77



APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Vamos falar hoje sobre alguns assuntos que **difficilmente caem no vestibular do ITA**:

AULA 03 – Parnasianismo, Simbolismo e Pré-Modernismo

- Principais autores e suas obras

Essas escolas literárias historicamente não são exploradas por essa banca. As questões de literatura do ITA se fundam ou na **análise das obras de leitura obrigatória**, ou na **interpretação de textos literários majoritariamente a partir do Modernismo**.

Então por que motivo precisamos ver essa aula?

Primeiro, porque essas escolas preparam o aparecimento de uma série de tendências que serão características do Modernismo. Segundo, porque num curso de literatura, você precisa saber pelo menos um pouco de cada assunto, pois **se porventura essas escolas aparecerem na sua prova, você terá pelo menos uma noção para começar sua interpretação**.

Como veremos movimentos contemporâneos ao Realismo e ao Naturalismo, lembre-se quais as principais características desses movimentos antes de iniciar nossa aula.



LEMBRANDO!

REALISMO	NATURALISMO
Representava desvios morais	Representava desvios sociais e mazelas.
Romance documental, fotografa a realidade para dar impressão de vida real, psicologismo . Retrato da alta burguesia da segunda metade do século XIX.	Romance experimental, que pretende apoiar-se na experimentação científica e numa tese , no determinismo, no evolucionismo, no homem é fruto do meio.
Narrador em um ângulo neutro, não há interesse em agradar ao público, mas sim em retratar a realidade tal qual ela é .	Arte engajada, preocupações políticas e sociais.
Seleciona os temas, tem aspirações estéticas.	Detém-se nos aspectos mais torpes.
Reproduz a realidade exterior bem como a interior, por meio da análise psicológica.	Centra-se nos aspectos externos: atos, gestos, ambientes, personagens e seus instintos, animalização, zoomorfismo.

Volta-se para a psicologia, para o indivíduo.	Volta-se para o coletivo, para a biologia e o social.
Retrata e critica as classes dominantes, a alta burguesia.	Espelha camadas inferiores: o proletariado, os marginais, o povão.
É indireto na interpretação, o leitor tira as suas conclusões: sutil, sugere.	É direto na interpretação, expõe conclusões, cabendo ao leitor aceitá-las ou discuti-las: grotesco, mostra.
Grande preocupação com o estilo.	O estilo é relegado ao segundo plano; no primeiro, há denúncia.

Agora que você já reviu esse assunto, está pronto para entrar no tema da aula de hoje!
Vamos lá?

1 – PARNASIANISMO

O **Parnasianismo** é um movimento literário contemporâneo ao **Realismo** e ao **Naturalismo**. Se você está lembrado da nossa aula de Realismo + Naturalismo, deve se recordar que não havia poesia naqueles movimentos literários. Os parnasianos eram quem produziam poesia naquele momento.

Lembre-se que esse é um momento de valorização do **pensamento científico**. No Parnasianismo, porém, não há interesse em produzir uma crítica social a partir das teses científicas ou de utilizar a literatura ficcional como espelhamento da sociedade.

Ainda assim, a poesia parnasiana mantém a tendência de olhar para o mundo de maneira objetiva. Procura-se afastar da emotividade e idealização buscando referenciais no cotidiano, tento em objetos quando tem cenas/passagens.

A influência do pensamento científico na poesia parnasiana está na **rigidez formal** e na **formalidade da linguagem**. Os parnasianos valorizam aquilo que a língua tem de mais estrutural e lógico: **a palavra**. O cuidado com a forma da poesia é fundamental para essa escola literária. Esses escritores se filiam à ideia de **arte pela arte**, ou seja, o objetivo do fazer artístico é ele mesmo. A arte não tem outra função que não estética. Um poema deve ser **bom e belo**, não servir a objetivos didáticos, morais, sentimentais ou pedagógicos.

Os poetas parnasianos comparam a si mesmo com um **ourives**. O ourives é o profissional que talha e lapida joias, que trabalha com ouro. Para que o ouro se torne uma joia, não basta apenas confiar na beleza do material. É preciso que haja esforço do artista, trabalho duro em cima do material, para que ele se transforme. Com a poesia, ocorre o mesmo. É preciso muito trabalho do poeta para que a obra de arte seja gerada. Para eles, na hora de criar uma obra de arte, **a transpiração é mais importante que a inspiração**.





O Parnasianismo inspira seu nome no **Monte Parnaso**. Segundo a Mitologia, o monte Parnaso era uma das residências de Apolo e as nove musas. Nesse local, ele produziria poesia e outras artes.

Os parnasianos tinham proximidade com a cultura greco-latina, além de se inspirarem na ideia de poesia enquanto arte elevada.

(Deus Apolo, da Mitologia Grega. Fonte: Shutterstock)

As principais características do Parnasianismo, então, são:

Arte pela arte

- O objetivo da obra de arte é ser **boa e bela** em si mesma.
- A arte não deve buscar ser didática, sentimental ou pedagógica.

Busca pela perfeição

- A obra poética deve ser trabalhada para ser o mais **perfeita** possível no campo da **forma**.

Cientificismo e positivismo

- Os temas da poesia parnasiana são próximos do **cotidiano**, buscando descrevê-los de maneira detalhada, analisando sob diversos ângulos, **inspirando-se no método científico**.

Culto à forma e estruturas fixas

- Uso de **rimas ricas e palavras raras**, com um **vocabulário rebuscado**.
- Preocupação com a métrica e a versificação, sendo que a métrica preferida é o **verso alexandrino (de doze sílabas)**.
- As rimas são **regulares**.
- **Soneto** é a forma preferida.

Descrição detalhada

- Os poetas produzem obras fortemente detalhadas, muitas vezes **descrevendo objetos** ou **situações** com precisão.
- Há uma busca pela descrição mais **objetiva**, inspirada na observação científica.

Temas

- Cotidiano (tanto objetos como paisagens).
- Cultura clássica (mitologia greco-latina).
- Fatos históricos



Veja um exemplo de poesia parnasiana com essas características:

Vaso Chinês

Alberto de Oliveira

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Nesse poema, há a descrição de um vaso chinês. Um objeto do cotidiano, portanto, é tratado como assunto suficientemente importante para os parnasianos. O poeta trata da sua admiração ao ver o quadro que é descrito em detalhes: as cores, os desenhos, o lugar em que ele se encontrava.

Perceba também que há regularidade na escrita. Além de usar a forma fixa do **soneto**, o poeta também mantém regularidade na rima e na métrica. Veja um exemplo de escansão do poema e perceba que todos os versos possuem 10 sílabas:

Es / tra / nho / mi / mó a / que / le / va / so! / Vi-o,
Ca / sual / men / te, u / ma / vez, / de um / per / fu / mado
Con / ta / dor / so / bre o / már / mor / lu / zi / dio,
En / tre um / le / que e o / co / me / ço / de um / bor / dado.



SE LIGA!

Soneto: poema de 14 versos, organizados em quatro estrofes. As duas primeiras estrofes são quartetos (4 versos por estrofe) e as duas últimas estrofes são tercetos (três versos por estrofe).

Escansão: contar as sílabas do poema até a última sílaba tônica, ou seja, a sílaba forte da última palavra do verso. Por vezes, unem dois sons em uma única sílaba, processo chamado de elisão (◌◌).



Não se preocupe tanto com esse assunto. **O ITA não tende a cobrar esse assunto em suas provas.**

Poetas parnasianos brasileiros

Olavo Bilac



Olavo Bilac (1865 – 1918) é o principal poeta parnasiano brasileiro. Além da literatura, possuía participação cívica efetiva. Foi autor do Hino à Bandeira. Era chamado de “príncipe dos poetas brasileiros”.

Seus dois poemas mais conhecidos são *Ora (dizeis ouvir estrelas)* e *Língua portuguesa*.

Perceba uma característica forte do Parnasianismo no poema *Língua Portuguesa*: **a influência da literatura greco-latina**.

O poeta se refere à língua portuguesa como “**a última flor do Lácio**”. O Lácio é uma região da Itália onde se falava uma variante vulgar do **latim**. Essa variante deve ter sido a origem do Português.

XIII

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Língua portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!



Alberto de Oliveira

O poeta Alberto de Oliveira (1857 – 1937) era farmacêutico, porém acabou se dedicando à poesia.

Suas poesias são focadas principalmente na descrição de objetos e de ambientes da natureza. O poema *Vaso Grego* é uma de suas obras mais conhecidas e que expõe de modo mais contundente diversas máximas do Parnasianismo:

- Temática greco-latina.
- Estrutura formal rígida, fazendo uso do soneto e dos versos de 10 sílabas poéticas.
- Vocabulário rebuscado, fazendo uso de palavras menos comuns, tornando a linguagem mais trabalhada.

Raimundo Correia

O poeta Raimundo Correia (1859 – 1911) é outro dos poetas parnasianos mais populares no Brasil.

Boa parte de seus poemas segue a linha temática dos outros poetas: as imagens e objetos do cotidiano e a inspiração na cultura clássica. A diferença de Raimundo para os outros dois poetas é seu forte traço pessimista, frequentemente desiludido com a vida.

O poema *As Pombas* esteve no centro de uma grande polêmica: ele foi acusado de plágio, por ser uma tradução de um poema de Théophile Gautier, poeta parnasiano europeu.

Vaso Grego

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então e, ora repleta ora, esvazada,
A taça amiga aos dedos seus tinha
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às
bordas
Finas há de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim
[dezenas
Das pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo elas, serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam
Os sonhos, um a um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas
[voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

Os três poetas formam a chamada **tríade parnasiana**, grupo dos três poetas parnasianos mais conhecidos.

2 – SIMBOLISMO

Na mesma época em que o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, surge mais um movimento literário: o **simbolismo**.

Ao longo do tempo, o homem viveu sob a ideia de que o progresso científico e tecnológico sempre levaria à evolução, ou seja, seríamos melhores na medida em que tivéssemos uma sociedade mais tecnológica. **De fato, a tecnologia foi capaz de melhorar nossa vida e facilitar nossas ações cotidianas. A tecnologia, porém, não foi capaz de solucionar alguns problemas essenciais aos seres humanos:** a igualdade não foi alcançada, não fomos capazes de eliminar a pobreza e ainda passamos por momentos de guerra e conflito intenso. Muitas vezes, inclusive, a tecnologia parece estar no centro de diversos desses problemas. É dessa frustração com a racionalidade e o pensamento científico que surge o simbolismo.

As principais características do Simbolismo na literatura são:

Espiritualidade e misticismo

- A religiosidade é um tema frequente para os autores simbolistas.
- Outros temas espirituais e metafísicos, como a morte, por exemplo.

Intuição e aproximação do sensorial

- Uso da figura de linguagem da sinestesia (mistura de sensações) e da metáfora.
- O tema da sexualidade aparece com frequência.

Linguagem vaga e musicalidade

- A linguagem trabalha com a sugestão e os símbolos, muito mais do que com a objetividade.
- Uso de figuras de linguagem como a aliteração e a assonância

Não-racionalidade

- Numa espécie de resgate dos valores românticos caídos em desuso, os simbolistas buscam se afastar da abordagem racional da realidade e buscam observá-la de maneira mais sensível.
- Antimaterialismo.

Pessimismo

- Os poetas simbolistas não se sentem confortáveis num mundo que valoriza a racionalidade. Assim, eles têm uma visão soturna do cotidiano.

Subjetividade

- Interesse pelas noções de inconsciente e pela investigação da mente humana, tangenciando assuntos como a loucura e o subconsciente.
- O tema do sonho é muito frequente no simbolismo, normalmente referido pela palavra onírico..



Veja um exemplo de poema simbolista com essas características:

Dilacerações

Cruz e Sousa

Ó carnes que eu amei sangrentamente,
ó volúpias letais e dolorosas,
essências de heliotropos e de rosas
de essência morna, tropical, dolente...

Carnes, virgens e tépidas do Oriente
do Sonho e das Estrelas fabulosas,
carnes acerbadas e maravilhosas,
tentadoras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zelos,
através dos profundos pesadelos
que me apunham de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos,
em lágrimas, em prantos, em lamentos
em ais, em luto, em convulsões, em dores...

Nesse poema, há traços do tema da sexualidade (“Carnes, virgens e tépidas do Oriente”), do pessimismo (“em lágrimas, em prantos, em lamentos”) e do sonho (“através dos profundos pesadelos”). Além disso, o poema é muito ligado ao sensorial (ex.: “essência morna”).

Perceba também que, na forma do poema, há uma preocupação com a sonoridade. Veja como o verso “Passai, passai, desfeitas em tormentos” produz uma aliteração em “s”. O poema também faz uso de uma linguagem mais vaga, mais próxima da emoção do que da razão.

Dois autores portugueses foram inspiradores para o simbolismo no Brasil e são frequentemente citados em provas de vestibular:



Florbela Espanca

Camilo Pessanha

Camilo Pessanha (1867-1926), poeta português, é o escritor simbolista de maior reconhecimento em Portugal. Seu livro mais conhecido, *Clepsidra* (1920), apresenta traços típicos do movimento, como o pessimismo e o antimaterialismo. Morreu em virtude de uma overdose de ópio.

Florbela Espanca

Florbela Espanca (1894 – 1930), poetisa portuguesa, produziu uma poesia caracterizada pelo sofrimento, feminilidade e erotismo. Seus livros mais conhecidos são o *Livro de Mágoas* (1919) e o *Livro de Sórora Saudade* (1923). Ela morreu por uma overdose de barbitúricos aos 36 anos.

Poetas simbolistas brasileiros

Cruz e Sousa



Cruz e Sousa (1861 – 1898) foi o poeta simbolista brasileiro mais conhecido, tendo se tornado popular no mundo todo. É considerado um dos primeiros escritores negros brasileiros, tendo sido chamado de Cisne Negro. Ele era filho de escravos forros.

Ao longo da vida, ele combateu o preconceito racial e militou pelo fim da escravidão. Assim, a condição do negro na época era um de seus temas de interesse na literatura.

Outra particularidade em sua poesia é a fixação pela cor branca. Perceba no poema *Braços* como toda a primeira estrofe se foca em descrever – a partir de diversas sensações – braços brancos, alvos. O erotismo, característica comum do poeta também aparece aqui.

Ele também produz muitas obras retratando sofrimento e dor, com uma fixação na ideia de morte. Perceba no poema *Escárnio perfumado* o modo sentimental com que fala sobre o sofrimento de não receber a carta da pessoa amada.

Obras principais: *Broquéis* (1893) e *Missal* (1983).

Braços

Braços nervosos, brancas opulências,
brumais brancuras, fúlgidas brancuras,
alvuras castas, virginais alvuras,
latescências das raras latescências.

As fascinantes, mórbidas dormências
dos teus abraços de letais flexuras,
produzem sensações de agres torturas,
dos desejos as mornas florescências.

Braços nervosos, tentadoras serpes
que prendem, tetanizam como os herpes,
dos delírios na trêmula coorte ...

Pompa de carnes tépidas e flóreas,
braços de estranhas correções marmóreas,
abertos para o Amor e para a Morte!

Escárnio Perfumado

Quando no enleio
De receber umas notícias tuas,
Vou-me ao correio,
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,

Vendo tão fartas,
D'uma fartura que ninguém colige,
As mãos dos outros, de jornais e cartas
E as minhas, nuas – isso dói, me aflige...

E em tom de mofa,
Julgo que tudo me escarnece, apoda,
Ri, me apostrofa,

Pois fico só e cabisbaixo, inerte,
A noite andar-me na cabeça, em roda,
Mais humilhado que um mendigo, um verme...



Alphonsus Guimarães



Alphonsus de Guimaraes (1870 – 1921) é o pseudônimo do escritor Afonso Henrique da Costa Guimarães. Ele adaptou seu nome para aproximá-lo da língua latina.

Sua obra é em sua grande maioria poética e muito ligada ao misticismo e à religiosidade, principalmente católica.

Perceba o poema *A Catedral*, em que o poeta imita o som das badaladas do sino de uma igreja com o ritmo do seu próprio nome ("Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"). A sonoridade dos poemas é muito importante para essa escola literária.

As figuras femininas também são bastante espiritualizadas na obra de Alphonsus. As mulheres costumam ser representadas de maneira angelical. No poema *Ismália*, um de seus mais conhecidos, o

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

A Catedral

Entre brumas, ao longe, surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu risonho
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.

A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a benção de Jesus.

poeta ainda aborda outro assunto importante para o movimento simbolista: a loucura. O poema conta a história de uma mulher que se joga do alto de uma torre.

Possivelmente, muito de sua poética envolve a ideia da morte da mulher amada, pois o poeta teve em sua vida uma tragédia do gênero: sua noiva faleceu aos 18 anos e ele nunca parece ter superado o ocorrido.

As principais características da poesia de Alphonsus de Guimaraes, portanto, são:

- Descrição de ambientes, tanto paisagens quanto construções.
- Melancolia e sofrimento.
- Misticismo e religiosidade.

Obras principais: Septanário das dores de Nossa Senhora (1899), Câmara Ardente (1899) e Dona Mystica (1899).

E o sino clama em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Poe-se a luz a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu tristonho
Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu e todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem acoitar o rosto meu.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino chora em lúgubres respostas:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

3 – PRÉ-MODERNISMO

O período do Pré-Modernismo na literatura brasileira se situa entre o fim do século XIX e início do século XX. Os marcos inicial e final foram a Proclamação da República (1889) e a Semana de Arte Moderna (1922). Uma série de eventos marcaram esse momento histórico no Brasil:

- A **Primeira República** se consolida nos governos de Marechal Deodoro da Fonseca, Marechal Floriano Peixoto e Prudente de Morais – o primeiro presidente civil do Brasil. Durante esse momento, havia um **esforço para solidificar a república** e seus símbolos, eliminando aquilo que pudesse ameaçá-la.
- Revoltas como a **Revolução Federalista** – no Rio Grande do Sul – e a **Revolta da Armada** – no Rio de Janeiro – questionam o governo e suas políticas econômicas. Essas revoltas eram principalmente fruto da **insatisfação das elites**.
- A partir do governo de **Prudente de Morais**, ocorrem movimentos organizados pelas camadas populares. O primeiro e mais importante conflito foi a **Guerra de Canudos**, conflito que envolveu a comunidade liderada pelo líder messiânico **Antônio Conselheiro** e o exército brasileiro.
- A **Revolta da Vacina** (1904), movimento de resistência à vacinação obrigatória contra a varíola. Muitas pessoas achavam que era um modo de eliminação em massa da população pobre.
- A **Revolta da Chibata** (1910), movimento liderado pelo marinheiro João Cândido, buscando o fim dos castigos corporais na marinha e melhoria das condições de vida e soldo.

- O **cangaço**, movimento de bandos armados compostos por homens pobres passaram a praticar assaltos em fazendas, saquearem estabelecimentos comerciais e sequestrarem homens ricos em troca de resgate. O bando mais conhecido é o de **Lampião e Maria Bonita**.
- O **coronelismo**. A figura do “coronel” não se relaciona necessariamente com um posto militar ou policial. Na época, devido às grandes dimensões do Brasil e as distâncias das províncias em relação ao governo central, era comum que grandes proprietários de terras fossem agraciados com o título de coronel da Guarda Nacional, o que lhes garantia direitos para impor a ordem.
- Há muitos questionamentos acerca da **legitimidade** das eleições, já que o **voto de cabresto**, prática de obrigar subordinados a votar em seu candidato de preferência sob pena de punições, era muito comum.
- Instaura-se a **política do café com leite**, nome pelo qual ficou conhecida a alternância de poder no governo entre as oligarquias paulistas e mineiras.
- Há um aumento significativo da industrialização no Brasil. Os principais produtos de exportação eram o **café**, oriundo de São Paulo, e a **borracha**, vinda da região Norte. Esta última impulsionou o crescimento de Manaus, que se tornou uma cidade modernizada.

As principais características do Pré-modernismo na literatura são:

Análise social

- Obras literárias que analisam o contexto social e político do país.
- Questões como a desigualdade, pobreza e os conflitos entre o povo e o governo aparecem nas obras.

Linguagem informal

- A linguagem, ainda que utilize a norma culta, se aproxima mais do falar popular, utilizando palavras mais comuns e construções mais simples.
- Coloquialidade em alguns autores.

Mistura de referências

- Por ser um período de transição entre escolas, o pré-modernismo absorve características de outros movimentos. Os autores se apropriam de alguns valores do Naturalismo ao mesmo tempo em que produzem obras poéticas próximas ao simbolismo.
- Antecipam algumas características do Modernismo, como a maior inovação na forma da escrita.

Regionalismo

- Presença da cultura popular brasileira.
- Personagens como o caipira e o sertanejo ganham destaque.

Principais autores pré-modernistas brasileiros

Euclides da Cunha



Euclides da Cunha (1866 – 1909) nasceu no Rio de Janeiro. Formado engenheiro, atuou como jornalista e escritor. Por ter tido carreira militar e ainda possuir o título de primeiro-tenente na época em que trabalhava no jornal, Euclides da Cunha foi enviado como correspondente do Estado de São Paulo para realizar a cobertura da guerra de Canudos.

Ao chegar em Canudos, Euclides se deparou com uma parte do Brasil desconhecida pelos habitantes do Rio de Janeiro. Era o choque daquilo que ele se referiu como o **choque de dois brasis: o do litoral**, portador de um projeto republicano e orientado pela ideia de civilização; e **o do sertão**, onde predominavam o misticismo, a miséria e a mestiçagem.

Diante da violência empregada para a destruição de Canudos, Euclides questiona se a população do litoral era tão civilizada quanto acreditava ser. Em seu discurso, as elites diziam salvar a República e a unidade do território, mas excluía parcelas da população de sua ideia de Brasil. Mas os habitantes dos sertões, apesar de esquecidos pelo “Brasil oficial” e castigados pela seca e miséria, sobreviviam, resistindo bravamente a todas as expedições enviadas pela capital federal. Em suas próprias palavras: **“o sertanejo é, antes de tudo, um forte.”**

Com o término do conflito, Euclides retornou para o Rio de Janeiro, onde em 1902 publicou sua obra mais famosa: **Os sertões**. O livro reúne suas impressões científicas, geográficas e humanas sobre o que encontrou em Canudos. A obra foi o **primeiro livro-reportagem publicado no Brasil**.

Os sertões é uma obra extensa, dividida em 3 partes, com muitos capítulos:



A Terra

Na primeira parte do livro, Euclides descreve o ambiente do sertão atingido pela seca. A análise é **geográfica**, abarcando fauna, flora, relevo, clima e outros.



O Homem

Na segunda parte do livro, há uma descrição e análise do sertanejo e seus costumes. A análise é **antropológica e sociológica**. Com inspiração Naturalista, entende o homem como fruto de seu meio, raça e história. Aqui é apresentada a figura de Antônio Conselheiro e da população de Canudos, com todo o funcionamento da comunidade.



A Luta

Na terceira e última parte, há a descrição da Guerra de Canudos. A análise é **historiográfica**: narra as quatro tentativas de destruição de Canudos pelo Exército do Brasil e o período após o fim da guerra. O desfecho é a trágica destruição de Canudos.



Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881 – 1922) foi escritor e jornalista. Assim como muitas pessoas da época, a história de Lima Barreto se mistura com a da escravidão no Brasil. Seus avós haviam sido escravos e sua mãe era agregada de uma família abonada. Por isso, a mãe havia sido educada e trabalhava como professora.

Lima Barreto, por intermédio da família à qual sua mãe era ligada, foi apresentado ao visconde de Ouro Preto, que se tornou seu padrinho e responsável por sua educação.

Duas questões, portanto, foram fundamentais para a constituição de seu senso crítico enquanto jornalista e escritor:

- A condição do negro na sociedade, tanto antes da abolição quanto após.
- A lembrança distante – talvez incentivada pela família e padrinho – do tempo do Império, e seu contraste com o regime republicano.

Apesar de ter iniciado a graduação na Escola Politécnica, ele acabou trabalhando como Secretário do Ministério da Guerra, para ajudar a família, além de atuar em jornais e revistas. Ele era um homem de saúde mental frágil. Além do alcoolismo, ele também sofria de uma depressão profunda, chegando a ser internado por isso.

Sua obra mais famosa é **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. A obra conta a história de Policarpo, um homem comum, funcionário público, que tem um grande projeto: valorizar a cultura genuinamente brasileira. Ele era um grande nacionalista. Policarpo, então, propõe ao governo que se reconheça o tupi como língua oficial do Brasil. Essa sugestão lhe rende uma internação no hospício. Após a saída do local, ele decide se isolar numa cidade interiorana. Porém, Policarpo acaba se envolvendo com política. Ele vai ao Rio de Janeiro apoiar Floriano Peixoto na luta contra a Revolta da Armada, porém acaba preso. Mesmo a figura do presidente, que ele apoiava inicialmente, se mostra como autoritária. Desiludido com a falta de patriotismo do povo e acusado de traição ao governo de Floriano, ele acaba sendo condenado ao fuzilamento.

As principais características de Lima Barreto são:

- Denúncia de mazelas da sociedade.
- Linguagem coloquial/informal.
- Nacionalismo
- Sarcasmo e ironia
- Temas do cotidiano ou ligados à história do Brasil.

O livro é importante, pois faz uma análise do espírito da época no Brasil após a proclamação da república. O povo em geral é muito distanciado das decisões do governo e das próprias estruturas de poder. A proclamação da república se dá sem participação popular, que apenas assiste aos acontecimentos sem de fato se envolver com eles. Lima Barreto tem uma famosa frase sobre o assunto que diz:

O Brasil não tem povo, tem público.



Monteiro Lobato



Monteiro Lobato (1882 – 1948) é um dos escritores brasileiros mais populares, principalmente entre o **público infantil** por conta do universo do **Sítio do Picapau Amarelo**, criado por ele. Todas as histórias se passam nesse sítio, em que vivem Dona Benta, a dona do lugar, seus netos Narizinho e Pedrinho, e a empregada Tia Nastácia. Narizinho tem uma boneca que fala chamada Emília. Ele também criou a personagem **Jeca Tatu**, um caipira preguiçoso que simbolizava o atraso do campo e do interior do Brasil. Muito desse universo tem inspiração em sua própria vida. Ele próprio fora criado num sítio e tivera contato com muitas pessoas que acabaram inspirando suas personagens.

Além de escritor, Monteiro Lobato também foi **tradutor**, tendo trabalhado em obras importantes, incluindo muitas coletâneas de contos de fadas. Ele também se envolveu com negócios de **petróleo**, o que lhe rendeu muitas inimizades, principalmente entre poderosos que tinham interesse em ocultar a existência de petróleo no Brasil, para favorecer os interesses do capital estrangeiro. Era **inimigo declarado do Estado Novo**, de Getúlio Vargas e produziu uma série de críticas a esse regime, denunciando arbitrariedades.



Monteiro Lobato teve seu nome envolvido em duas polêmicas ao longo do tempo:

- Em 1917, Monteiro publicou um texto criticando a exposição de **Anita Malfatti (1889 – 1964)**. A crítica era dura e ácida, dizendo que suas obras eram “**arte anormal**” e que eram fruto de “paranoia e mistificação”, comparando-a a internos de hospícios que pintavam quadros. O texto marca a o início da briga entre os **artistas conservadores** e os modernistas que viriam a produzir a Semana de Arte de 1922 anos depois.

- No início dos anos 2010, Monteiro Lobato foi acusado de **posturas racistas**, tanto em sua obra quanto em sua vida pessoal. Isso se deveu a dois fatos: o modo como as **personagens negras** são retratadas em suas obras – principalmente a personagem Tia Nastácia do Sítio do Picapau Amarelo – e prática do autor de manter correspondência com o diretor da Sociedade Eugênica de São Paulo. **Eugenia** é uma teoria que alegava que as etnias possuíam diferenças entre si quanto a comportamento, saúde mental, educação, inteligência e até higiene. Assim, era necessário “melhorar” a composição de uma sociedade pela “limpeza” de características ruins, muitas delas associadas à raça negra.

Por conta disso tudo, discutiu-se **se ele deveria ou não ser ensinado nas escolas** para as crianças. Ainda que não se tenha chegado a nenhuma conclusão definitiva, compreende-se hoje que, mesmo que mantenhamos apresentando Monteiro Lobato aos alunos, deve-se falar sobre esse assunto em sua obra, apontando possíveis passagens alinhadas com o **racismo científico**, tão em voga na época.

Augusto dos Anjos

Augusto dos Anjos (1884 – 1914) é o principal representante da poesia no pré-modernismo. Ele nasceu numa cidade do interior da Paraíba e começou a esboçar seus primeiros poemas já aos 7 anos de idade. Era muito culto e atuou como professor além de escritor.

Era muito ligado ao Naturalismo e às tendências de encarar o mundo de maneira direta e científica. Sua obra produz, inclusive, algumas ironias à religião, principalmente a Católica.

Como os outros escritores do pré-modernismo, bebe de diversas fontes. Ao mesmo tempo que se aproxima da forma fixa dos simbolistas, também se alinha tematicamente com os naturalistas. Sua poesia na época chocava muito as pessoas – e os poetas do parnasianismo.



As principais características de sua obra são:

- Desânimo e pessimismo.
- Figuras de linguagem, como a metáfora e a comparação.
- Questão da morte.
- Rigor formal e estrutural.
- Vocabulário ligado às ciências exatas e biológicas.

Apesar de ter publicado em alguns periódicos, ele produziu apenas uma obra: o livro “Eu” (1912). Veja dois de seus poemas mais conhecidos presentes nesse livro:

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

4 – EXERCÍCIOS

Você perceberá, ao longo desta lista de exercícios, que há poucos exercícios do ITA sobre o assunto. De fato, esses movimentos literários não têm sido um tema de destaque nesse vestibular.

Isso pode significar que:

- A banca não dá tanta importância a esse tema; ou
- Como há muito tempo não aparece esse tema na prova, ele pode voltar a aparecer logo!

Em literatura, não podemos pular movimentos artísticos, pois eles todos acabam se relacionando. Por isso, mesmo que essa assunto não pareça importante, é essencial que você saiba bem essa aula para compreender bem os próximos assuntos. Com os exercícios dessa lista você poderá praticar o conteúdo e ficar pronto para um eventual aparecimento desse assunto no ITA!

4.1 – LISTA DE EXERCÍCIOS

1. (ITA - 2013)

O poema abaixo traz a seguinte característica da escola literária em que se insere:

Violões que Choram...

Cruz e Sousa

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.
[...]

- tendência à morbidez.
- lirismo sentimental e intimista.
- precisão vocabular e economia verbal.
- depuração formal e destaque para a sensualidade feminina.
- registro da realidade através da percepção sensorial do poeta.



2. (ITA - 2003)

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os portugueses morrerem à míngua
“Minha pátria é minha língua”
Fala, Mangueira!
Flor do Lácio, Sambódromo
Lusamérica, latim em pó.
O que quer
O que pode
Esta língua?
(...)

A expressão “Flor do Lácio” também faz parte de um famoso poema da Literatura Brasileira, intitulado “Língua Portuguesa”, produzido na segunda metade do século XIX.

Assinale a alternativa que apresenta características pertencentes ao estilo da época em que foi produzido esse poema.

- a) Subjetivismo, culto da forma, arte pela arte.
- b) Culto da forma, misticismo, retorno aos motivos clássicos.
- c) Arte pela arte, culto da forma, retorno aos motivos clássicos.
- d) Culto da forma, subjetivismo, misticismo.
- e) Subjetivismo, misticismo, arte pela arte.

3. (ITA - 1998)

Leia com atenção as, duas estrofes a seguir e compare-as quanto ao conteúdo e à forma.

I
"Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo que a ninguém fique nua

Rica mas sóbria, como um templo grego."

II

"Do Sonho as mais azuis diafaneidades
que fuljam, que na Estrofe se levantem
e as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem."

Comparando as duas estrofes, conclui-se que:

- a) I é parnasiana e II, simbolista.
- b) I é simbolista e II, romântica.
- c) I é árcade e II, parnasiana.
- d) I e II são parnasianas.
- e) I e II são simbolistas.

4. (Insper - 2019)

Leia trecho do poema de Olavo Bilac.

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amote assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

(Olavo Bilac, Poesias)

No poema, o eu lírico

- a) define-se apaixonado pela língua portuguesa de Portugal, mas não pela do Brasil.
- b) desqualifica a língua portuguesa, pois a vê como agreste e símbolo da saudade.



- c) questiona se a língua portuguesa chegará a ser bela como outras nascidas do latim.
- d) sugere que a língua portuguesa traz em si sentimentos ruins e, por isso, não pode ser bela.
- e) enaltece a língua portuguesa, por sua riqueza capaz de expressar diferentes sentimentos.

5. (EsPCEX - 2018)

Os parnasianos acreditavam que, apoiando-se nos modelos clássicos, estariam combatendo os exageros de emoção e fantasia do Romantismo e, ao mesmo tempo, garantindo o equilíbrio que almejavam. Propunham uma poesia objetiva, de elevado nível vocabular, racionalista, bem-acabada do ponto de vista formal e voltada para temas universais. Esse racionalismo, que enfrentava os “exageros de emoção” e fixava-se no formalismo, fica bem claro na seguinte estrofe parnasiana de Olavo Bilac:

- a) E eu vos direi: “Amai para entendê-las!/Pois só quem ama pode ter ouvido/Capaz de ouvir e de entender estrelas.”
- b) Não me basta saber que sou amado,/Nem só desejo o teu amor: desejo/Ter nos braços teu corpo delicado,/Ter na boca a doçura de teu beijo.
- c) Pois sabeis que é por isso que assim ando:/Que é dos loucos somente e dos amantes/Na maior alegria andar chorando.
- d) Mas que na forma se disfarce o emprego/Do esforço; e a trama viva se construa/De tal modo, que a imagem fique nua,/Rica, mas sóbria, como um templo grego.
- e) Esta melancolia sem remédio,/Saudade sem razão, louca esperança/Ardendo em choros e findando em tédio.

Texto para as questões 6 e 7

Não se zanguem

⁰¹ A cartomancia entrou decididamente na vida ⁰² nacional.

⁰³ Os anúncios dos jornais todos os dias ⁰⁴ proclamam aos quatro ventos as virtudes ⁰⁵ miríficas das pitonisas.

⁰⁶ Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza ⁰⁷ pelas adivinhas; acho até que são bastante ⁰⁸ úteis, pois mantêm e sustentam no nosso ⁰⁹ espírito essa coisa que é mais necessária à ¹⁰ nossa vida que o próprio pão: a ilusão.

¹¹ Noto, porém, que no arraial dessa gente que ¹² lida com o destino, reina a discórdia, tal e qual ¹³ no campo de Agramante.

¹⁴ A política, que sempre foi a inspiradora de ¹⁵ azedas polêmicas, deixou um instante de sê-lo ¹⁶ e passou a vara à cartomancia.

¹⁷ Duas senhoras, ambas ultravidentes, ¹⁸ extralúcidas e não sei que mais, aborreceram-se ¹⁹ e anda uma delas a dizer da outra cobras e ²⁰ lagartos.



²¹ Como se pode compreender que duas ²² sacerdotisas do invisível não se entendam e ²³ deem ao público esse espetáculo de brigas tão ²⁴ pouco próprio a quem recebeu dos altos ²⁵ poderes celestiais virtudes excepcionais?

²⁶ A posse de tais virtudes devia dar-lhes uma ²⁷ mansuetude, uma tolerância, um abandono ²⁸ dos interesses terrestres, de forma a impedir ²⁹ que o azedume fosse logo abafado nas suas ³⁰ almas extraordinárias e não rebentasse em ³¹ disputas quase sangrentas.

³² Uma cisão, uma cisma nessa velha religião de ³³ adivinhar o futuro, é fato por demais grave e ³⁴ pode ter consequências desastrosas.

³⁵ Suponham que F. tenta saber da cartomante X ³⁶ se coisa essencial à sua vida vai dar-se e a ³⁷ cartomante, que é dissidente da ortodoxia, por ³⁸ pirraça diz que não.

³⁹ O pobre homem aborrece-se, vai para casa de ⁴⁰ mau humor e é capaz de suicidar-se.

⁴¹ O melhor, para o interesse dessa nossa pobre ⁴² humanidade, sempre necessitada de ilusões, ⁴³ venham de onde vier, é que as nossas ⁴⁴ cartomantes vivam em paz e se entendam ⁴⁵ para nos ditar bons horóscopos.

(BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.)

6. (UECE - 2018)

A referenciação textual pode ser definida como a retomada de termos e ideias que garantem a coesão e a progressão de sentido do texto por meio de elementos linguísticos. Um exemplo desse procedimento, ao longo da crônica de Lima Barreto, se dá com o uso do termo “cartomantes”, que é retomado por alguns referentes textuais, estabelecendo diferentes sentidos com estes referentes. Atente ao que se diz a seguir a respeito disso:

- I. Ao substituir “cartomantes” pelo termo “pitonisas” (Ref. 05), o autor pretende mostrar que o trabalho da cartomancia tem uma longa tradição histórica.
- II. Ao afirmar, no terceiro parágrafo, que não tem “nenhuma ojeriza pelas adivinhas” (Refs. 06-07), o autor recupera cartomantes pelo termo adivinhas, justificando que a prática de adivinhar o futuro cumpre sua função útil e necessária no cotidiano das pessoas, que é a função de iludir.
- III. Ao se referir às “cartomantes” pela expressão “dessa gente que lida com o destino” (Refs. 11-12), o autor se apresenta numa relação afetuosa de muita proximidade com as cartomantes.
- IV. Ao empregar o referente “duas sacerdotisas do invisível” (Refs. 21-22) para fazer alusão às “duas senhoras” (cartomantes) (Ref. 17), o autor procura salientar, ironicamente, a dimensão religiosa do ofício profético da cartomancia.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II, III e IV.



- b) I, II e IV somente.
- c) I, III e IV somente.
- d) II, e III somente.

7. (UECE- 2018)

A crônica *Não se zanguem* serve para mostrar muitas características que podem ser encontradas na literatura de Lima Barreto de forma geral. Assinale a opção que **NÃO** condiz com essas características.

- a) Há presente, na prosa literária de Lima Barreto, uma galeria de fatos e personagens que ilustra bem o panorama dos primeiros vinte anos do século XX carioca, apresentando a cidade do Rio de Janeiro com seus problemas e sua disparidade cultural, econômica e política.
- b) As obras do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* estão pautadas em temáticas socialmente engajadas, que denunciam mazelas e criticam assuntos do cotidiano.
- c) O teor satírico e humorístico está presente fortemente nos escritos literários de Lima Barreto.
- d) Como escritor vinculado ao chamado Pré-Modernismo, Lima Barreto apresentou-nos uma prosa em linguagem excessivamente formal.

8. (UFU - 2017) - adaptada

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards* dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*.
São Paulo: Ática, 2011. p. 125.

Em suas entrelinhas, o trecho apresenta a dualidade “cidade” e subúrbio. Levando-se isso em conta, o fragmento

- a) inadequação do suburbano quando no meio urbano.
- b) revela o desejo de ascensão do suburbano.
- c) indica a educação como quesito para uma cisão social.
- d) ratifica a necessidade de separação física dos dois locais.

9. (UNESP - 2017)

Os parnasianos brasileiros se distinguem dos românticos pela atenuação da subjetividade e do sentimentalismo, pela ausência quase completa de interesse político no contexto da obra e pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico.

(Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.)

A referida “atenuação da subjetividade e do sentimentalismo” está bem exemplificada na seguinte estrofe do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1859-1937):

a) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

b) Erguido em negro mármore lúcido,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.

c) Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

d) Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde. –

e) Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

Texto para as questões 10 e 11

De repente, uma variante trágica.

Aproxima-se a seca.

O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo.

Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia do Ceará.

[...]



Os sintomas do flagelo despontam-lhe, então, encadeados em série, sucedendo-se inflexíveis, como sinais comemorativos de uma moléstia cíclica, da seção assombradora da Terra. [...] E ao descer das tardes, dia a dia menores e sem crepúsculos, considera, entristecido, nos ares, em bandos, as primeiras aves emigrantes, transvoando a outras climas...

É o prelúdio da desgraça.

Vê-o acentuar, num crescente, até dezembro.

Precautela-se: revista, apreensivo, as malhadas. Percorre os logradouros longos. Procura entre as chapadas que se esterilizam várzeas mais benignas para onde tange os rebanhos. E espera, resignado, o dia 13 daquele mês. Porque, em tal data, usança avoenga lhe faculta sondar o futuro, interrogando a Providência.

É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmutada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo.

Esta experiência é belíssima. Em que pese ao estigma supersticioso, tem base positiva, e é aceitável desde que se considere que dela se colhe a maior ou menor dosagem de vapor d'água nos ares, e, dedutivamente, maiores ou menores probabilidades de depressões barométricas, capazes de atrair o afluxo das chuvas.

(Euclides da Cunha. *Os Sertões*, 1979. Adaptado)

10. (Insper- 2017)

A leitura do texto permite concluir, com correção, que no último parágrafo o autor sustenta

- a) um viés sentimentalista, já que trata a seca com subjetividade, expondo sua desolação diante do drama do flagelo, em perspectiva compatível com as teses do Modernismo.
- b) uma visão idealizada da realidade, por meio da qual ameniza os problemas vividos pelo sertanejo, em perspectiva compatível com as teses do Regionalismo de 30.
- c) um enfoque científico, evidenciando uma postura sociológica no tratamento do flagelo da realidade nacional, em perspectiva compatível com as teses do Pré-Modernismo.
- d) uma abordagem popular supersticiosa, já que entende a prática do sertanejo como algo que foge ao senso crítico, em perspectiva compatível com as teses do Simbolismo.
- e) uma análise imparcial, expondo uma postura ingênua diante de fenômenos naturais, como a seca, em perspectiva compatível com as teses do Pós-Modernismo.

11. (Insper - 2017)

Uma das consequências do flagelo da seca é naturalmente a miséria humana. No texto, ao tratar do tema, o autor descreve o sertanejo como

- a) uma força a combater os infortúnios da seca, o que se revela quer na sua atitude religiosa e supersticiosa, quer na forma como investiga o meio em que vive.



- b) um curioso, o que se revela na forma como se relaciona com o lugar onde vive e que, por não ter como transformar, acaba por menosprezá-lo totalmente.
- c) uma vítima dos infortúnios da seca, o que se revela pela sua situação de descontrole pessoal ante a desgraça prevista, restando-lhe de conforto apenas a fé religiosa.
- d) um descrente, o que se revela pela aceitação natural dos infortúnios da seca e pela rejeição a qualquer forma de amenizar sua dor, como a superstição ou a fé religiosa.
- e) um combatente nato, o que se revela tanto na sua revolta ao pensar na possibilidade de seca, como na busca de soluções desvinculadas da fé religiosa.

Texto para as questões 12 e 13

Incontentado

Paixão sem grita, amor sem agonia,
Que não oprime nem magoa o peito,
Que nada mais do que possui queria,
E com tão pouco vive satisfeito...

Amor, que os exageros repudia,
Misturado de estima e de respeito,
E, tirando das mágoas alegria,
Fica farto, ficando sem proveito...

Viva sempre a paixão que me consome,
Sem uma queixa, sem um só lamento!
Arda sempre este amor que desanima!

Eu, eu tenha sempre, ao murmurar teu nome,
O coração, malgrado o sofrimento,
Como um rosal desabrochado em rimas.

<<https://tinyurl.com/nxwg9mp>> Acesso em: 17.02.2017.

12. (FATEC - 2017)

Dentre as características do texto Incontentado, de Olavo Bilac, temos

- a) todas as estrofes com o mesmo número de versos, apresentando temática eminentemente religiosa.
- b) o mesmo número de sílabas poéticas em cada verso, descrevendo um suicídio.
- c) versos livres com vocabulário popular, contemplando a vida campestre.
- d) o uso do soneto, evidenciando uma temática amorosa.
- e) vocabulário culto, expressando uma crítica social.



13. (FATEC - 2017)

Olavo Bilac foi poeta brasileiro, identificado com o movimento literário intitulado Parnasianismo. Uma das características literárias desse movimento é o uso de rimas ricas, ou seja, rimas entre palavras de classes gramaticais diferentes.

Assinale a alternativa que apresenta uma rima rica entre um verbo e um substantivo.

- a) “Que não oprime nem magoa o peito,/ Misturado de estima e de respeito.”
- b) “Que nada mais do que possui queria,/ Amor, que os exageros repudia.”
- c) “Viva sempre a paixão que me consome,/ Eu, eu tenha sempre, ao murmurar teu nome.”
- d) “Fica farto, ficando sem proveito.../ Misturado de estima e respeito.”
- e) “Sem uma queixa, sem um lamento!/ O coração, malgrado o sofrimento.”

14. (IME - 2016)

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

*ANJOS, A. Eu e Outras Poesias.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.*

Quanto ao poema de Augusto dos Anjos, é coerente afirmar que

- a) revela um “eu” conformado com seu destino ao traduzir um olhar depressivo sobre o homem reduzido às leis fisiológicas.
- b) vai ao encontro do movimento parnasiano e da tendência geral de se pensar a poesia como a arte de dizer o sublime, o inefável.

- c) reduz as possibilidades de polissemia exigidas pela arte literária ao trazer palavras consideradas “antipoéticas” como “carbono”, “verme” e “epigênese”.
- d) resiste às classificações literárias de cunho didático por suas características formais e temáticas.
- e) despreza completamente o cientificismo em voga no início do século XX.

15. (UNESP - 2016)

Considere o poema do português Eugênio de Castro (1869-1944).

MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso
[gesto canta!

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

(Obras poéticas, 1968.)

A musicalidade, as reiterações, as aliterações e a profusão de imagens e metáforas são algumas características formais do poema, que apontam para sua filiação ao movimento

- a) romântico.
- b) modernista.
- c) parnasiano.

- d) simbolista.
- e) neoclássico.

16. (Insper - 2016)

Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

GUIMARAENS, A. "Soneto do Aroma". Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/guimaraens.htm>>. Acesso em 16/04/2016.

Na poesia simbolista, a emoção estética é despertada a partir de uma linguagem que sintetiza múltiplas sensações. Para atingir esse propósito, Alphonsus de Guimaraens, nos versos acima, recorre ao emprego da

- a) sinestesia.
- b) aliteração.
- c) perífrase.
- d) personificação.
- e) hipérbole.

17. (IFPE - 2015)

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos
Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/poemas_de_augusto_dos_anjos/>. Acesso em: 30 set. 2014.



Em relação aos sentidos das palavras retiradas do poema “Versos íntimos” do poeta paraibano Augusto dos Anjos, é correto afirmar que

- I. o vocábulo “formidável”, no primeiro verso, tem como sinônimo admirável.
- II. “quimera”, no segundo verso do poema, pode significar “fantasia” ou “alucinação”.
- III. no décimo verso do poema, o termo “escarro” tem uma conotação positiva.
- IV. “chaga”, no primeiro verso da última estrofe, é sinônimo de doença.
- V. no penúltimo verso do poema, a palavra “vil” significa “desconhecida”.

São verdadeiras apenas as proposições:

- a) I, II e III
- b) I, IV e V
- c) II, III e V
- d) I, II e IV
- e) II, III e IV

18. (UNIFESP - 2015)

Leia o soneto de Cruz e Sousa.

Silêncios

Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!

(Cruz e Sousa. *Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos*, 2008.)



A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

- a) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestésias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- b) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- c) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- d) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.
- e) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestésias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

*Para responder essa questão você precisaria de um conhecimento sobre forma poética. Esse assunto está no material de gramática e interpretação de texto para ITA, mas vamos disponibilizar alguns significados aqui para que você possa responder à questão:

Rimas alternadas – as rimas acontecem intercalando os versos, ou seja, o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo verso com o quarto (ABAB).

Redondilha maior: 7 sílabas poéticas em cada verso.

Versos livres: versos sem métrica regular

19. (UDESC - 2014)

Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito
E sobe aos mundos mais imponderáveis,
Vai abafando as queixas implacáveis,
Da alma ao profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo, escrito
Sente, em redor, nos astros inefáveis.
Cava nas fundas eras insondáveis
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho.
E como seu vulto pálido e tristonho

Cava os abismos das eternas ânsias!

SOUZA, Cruz e. *Últimos Sonetos*. www.dominiopublico.gov.br.

Analise as proposições em relação ao soneto “Cavador do Infinito”, Cruz e Souza.

- I. A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.
- II. Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.
- III. O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu-lírico.
- IV. No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: “Sonho” (versos 1 e 12), “Ânsias” e “Desejos” (verso 5); “Infinito” (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.
- V. Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema “Cavador do Infinito” reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

20. (UNIFESP - 2013)

Essa poesia não logrou estabelecer-se em Portugal. De origem francesa, suas primeiras manifestações datam de 1866, quando um editor parisiense publica uma coletânea de poemas; em 1871 e 1876, saem outras duas coletâneas. Os poetas desse movimento literário pregam o princípio da Arte pela Arte, isto é, defendem uma arte que não sirva a nada e a ninguém, uma arte inútil, uma arte voltada para si própria. A Arte procuraria a Beleza e a Verdade que existiriam nos seres concretos, e não no sentimento do artista. Por isso, o belo se confundiria com a forma que o reveste, e não com algo que existiria dentro dele. Daí vem que esses poetas sejam formalistas e preguem o cuidado da forma artística como exigência preliminar. Para consegui-lo, defendem uma atitude de impassibilidade diante das coisas: não se emocionar jamais; antes, impessoalizar-se tanto quanto possível pela descrição dos objetos, via de regra inertes ou obedientes aos movimentos próprios da Natureza (o fluxo e refluxo das ondas do mar, o voo dos pássaros, etc.). Esteticistas, anseiam uma arte universalista.



Em Portugal, tentou-se introduzir esse movimento; certamente, impregnou alguns poetas, exerceu influência, mas não passou de prurido, que pouco alterou o ritmo literário do tempo. Na verdade, o modo fortuito como alguns se deixaram contaminar da nova moda poética revelava apenas veleidade francófila, em decorrência de razões de gosto pessoal ou de grupos restritos: faltou-lhes intuito comum.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa, 1999. Adaptado.*)

As informações apresentadas no texto referem-se à literatura

- a) simbolista, cuja busca pelo Belo implicou a liberdade na expressão dos sentimentos. O texto deixa claro que essa literatura alcançou notável aceitação entre os poetas da época.
- b) simbolista, cuja preocupação com a expressão do sentimento filia-se à tradição poética do Renascimento. O texto deixa claro que essa literatura teve um desenvolvimento tímido na cena literária portuguesa.
- c) parnasiana, cuja preocupação com a objetividade a opõe ao subjetivismo romântico. O texto deixa claro que essa literatura não se impôs na cena literária portuguesa.
- d) parnasiana, cuja liberdade de expressão e cujo compromisso social permitem fundamentar a Arte pela Arte. O texto deixa claro que essa literatura teve pouco espaço na cena literária portuguesa.
- e) realista, cuja influência da tradição clássica é fundamental para se chegar à perfeição. O texto deixa claro que essa literatura teve uma disseminação irregular na cena literária portuguesa.

21. (UFTM - 2013)

Leia os versos do poema *Psicologia de um vencido*, de Augusto dos Anjos.

*Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!*

Nesses versos, o eu lírico enfatiza

- a) o destino daqueles que morrem em uma guerra.
- b) a resistência do homem ante a ação do tempo e dos vermes.
- c) a miséria do homem pela decomposição de sua matéria.
- d) a supremacia do homem sobre os seres inferiores.
- e) o embate entre a matéria e o espírito.



22. (UEFS - 2013)

I.



DALÍ, Salvador. Madona. 1949. 1 original de arte, óleo sobre tela. In: HARRIS, Nathaniel. Vida e obra de Dalí Dali. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 66. Tradução de: The life and works of Dalí.

II.

Primeira dor

Nossa Senhora vai... Céu de esperança
Coroando-lhe o perfil judaico e fino...
E um raio de ouro que lhe beija a trança
É como um grande resplendor divino.

O seu olhar, tão cheio de ondas, lança
Clarões longínquos de astro vespertino.
Sob a túnica azul uma alva Criança
Chora: é o vagido de Jesus Menino. [...]

GUIMARAENS, Alphonsus de. Primeira dor. Cantos de amor, salmos de prece: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972, p. 112.

Os dois textos enfocam a mesma temática por meio de diferentes linguagens.

A alternativa que apresenta um elemento ausente em ambos os textos é a

- a) Gosto pelo pormenor.
- b) Fragmentação da realidade.
- c) Evocação mística da natureza.

- d) Expressão de um ideal de pureza.
- e) Formas sugestivas para traduzir o etéreo, o espiritual.

23. (UNIFESP - 2013)

Apóstrofe à carne

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.

E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

(Augusto dos Anjos. Obra completa, 1994.)

No soneto de Augusto dos Anjos, é evidente

- a) a visão pessimista de um “eu” cindido, que desiste de conhecer-se, pelo medo de constatar o já sabido de sua condição humana transitória.
- b) o transcendentalismo, uma vez que o “eu” desintegrado objetiva alçar voos e romper com um projeto de vida marcado pelo pessimismo e pela tortura existencial.
- c) a recorrência a ideias deterministas que impulsionam o “eu” a superar seus conflitos, rompendo um ciclo que naturalmente lhe é imposto.
- d) a vontade de se conhecer e mudar o mundo em que se vive, o que só pode ser alcançado quando se abandona a desintegração psíquica e se parte para o equilíbrio do “eu”.
- e) o uso de conceitos advindos do cientificismo do século XIX, por meio dos quais o poeta mergulha no “eu”, buscando assim explorar seu ser biológico e metafísico.

24. (FGV - 2010)

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever



em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem* o progresso da nossa cultura científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômulo* de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. deferimento.

Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma.

*** Glossário:**

“empecem”: prejudicam, impedem.

“cômulo”: consciente.

Entre as marcas linguísticas presentes no texto, destaca-se

- a) o emprego de linguagem figurada, com a finalidade de reforçar a argumentação.
- b) o predomínio da coordenação, visando a torná-lo mais descritivo.
- c) a originalidade de sua estruturação, em contraste com a do romance em que se insere.
- d) a incorporação de coloquialismos para disfarçar a origem nobre do autor do pedido.
- e) o uso de linguagem estereotipada, tendo em vista sua finalidade.

25. (UNESP - 2010)

Considere o poema do parnasiano brasileiro Julio César da Silva (1872-1936):

Arte suprema



Tal como Pigmalião, a minha ideia
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;
Digo-lhe: “Fala!”, ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a cora e aformoseia...
E a estátua não falou, porque era estátua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não é que eu digo ao verso: “Fala!”
E ele fala-me sempre, porque é verso.

(Júlio César da Silva. *Arte de amar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.)

O soneto *Arte suprema* apresenta as características comuns da poesia parnasiana. Assinale a alternativa em que as características descritas se referem ao parnasianismo.

- a) Busca da objetividade, preocupação acentuada com o apuro formal, com a rima, o ritmo, a escolha dos vocábulos, a composição e a técnica do poema.
- b) Tendência para a humanização do sobrenatural, com a oposição entre o homem voltado para Deus e o homem voltado para a terra.
- c) Poesia caracterizada pelo escapismo, ou seja, pela fuga do mundo real para um mundo ideal caracterizado pelo sonho, pela solidão, pelas emoções pessoais.
- d) Predomínio dos sentimentos sobre a razão, gosto pelas ruínas e pela atmosfera de mistério.
- e) Poesia impregnada de religiosidade e que faz uso recorrente de sinestésias.

26. (FGV - 2010)

O Colocador de Pronomes (excerto)

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. (...)

Vivia em paz com as suas certidões quando o flechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da família (...).



Triburtino não era homem de brincadeira. (...) Toda gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecenhos enfarruscados nem tutos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distância hierárquica que os separava. Namoro à moda velha, já se vê, pois que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, à missa, troca de olhares, diálogos de flores – o que havia de inocente e puro. (...) Depois, a serenata fatal à esquina, com o “Acorda, donzela...” sapecado a medo num velho pinho de empréstimo. Depois, bilhetinho perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhetinho, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências: “Anjo adorado! Amo-lhe!”

Para abrir o jogo bastava esse movimento de peão. Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhetinho celestial e, depois de três dias de sobrecenho carregado, mandou chamá-lo à sua presença, com disfarce de pretexto – para umas certidõezinhas, explicou.

(...) Mal o pilhou portas aquém, o coronel trancou o escritório, fechou a carranca e disse: –A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca – nunca, ouviu? – que contra ela se cometa o menor deslize.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhetinho cor-de-rosa, desdobrou-o.

– É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

– Muito bem! Continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estratégica.

– ... é casar! Concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e com lágrimas nos olhos disse, gaguejante:

– Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

– Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E voltando-se para dentro, gritou:

– Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

– Laurinha, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.



– Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha dizendo que ama-“lhe”. Se amasse a ela deveria dizer amo-“te”. Dizendo “amo-lhe” declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha mulher...

Monteiro Lobato, Negrinha.

Quanto aos procedimentos de construção, o discurso do narrador caracteriza-se pela

- a) preferência por verbos na voz passiva, a fim de indicar a indeterminação do autor da ação.
- b) fusão de vocabulário culto com expressões de uso coloquial e da variedade regional.
- c) incorporação, por meio do discurso indireto, da maioria das falas das personagens.
- d) ausência de linguagem figurada visando dar maior objetividade à narrativa.
- e) omissão dos nexos entre termos e orações, especialmente nos trechos que contêm reflexões sobre sentimentos.

Texto para as questões 27 e 28

Considere o soneto *Acrobata da dor*, do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898):

Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta *clown*, varado
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa,
nessas macabras piruetas d’ aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(João da Cruz e Sousa. Obra completa. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1961.)

27. (UNESP - 2010)

No poema, os conceitos relacionados com a alegria e o riso, característicos da imagem dos palhaços, são aproximados de conceitos como dor, tristeza, agonia, sangue. Aponte a alternativa que melhor justifica essa aproximação de conceitos contraditórios:

- a) As imagens de “palhaço” e “coração” apontam a um mesmo significado, o próprio homem, apresentado como um ser cuja imagem de alegria apenas disfarça tristezas, dores, sofrimentos.
- b) O “palhaço” é comparado com o “acrobata” que caiu, donde a ocorrência de imagens relacionadas com sangue e dor.
- c) O poema de Cruz e Sousa constitui uma alegoria da vida circense em todos os seus aspectos.
- d) É tradicional na literatura explorar o tema do palhaço sob os vieses da superação e da frustração.
- e) Os poetas simbolistas tinham uma tendência doentia a utilizar temas relacionados com dor, sangue e sofrimento.

28. (UNESP - 2010)

O Simbolismo se caracterizou, entre outros aspectos, pela exploração dos sons da língua para estabelecer nos poemas uma musicalidade característica, por meio de diferentes processos de repetição de sons ao longo dos versos e em estrofes inteiras. Na primeira estrofe do soneto de Cruz e Sousa nota-se esse procedimento de repetição, especialmente no

- I. primeiro verso.
 - II. segundo verso.
 - III. terceiro verso.
 - IV. quarto verso.
-
- a) I e II.
 - b) I e III.
 - c) I e IV.
 - d) I, II e IV.
 - e) II, III e IV.

29. (UFMA - 2009)

O Simbolismo prima pelo subjetivismo, busca a sublimação e valoriza o inconsciente / subconsciente, daí o desenvolvimento de uma linguagem específica e tem como características:

- a) musicalidade, sugestão, linguagem simbólica
- b) linguagem simbólica, humanitismo, sugestão
- c) sugestão, musicalidade, culto da forma
- d) humanitismo, linguagem simbólica, denúncia

e) culto da forma, sugestão, humanitismo

30. (Insper - 2008)

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

(ANJOS, Augusto dos. Eu e outras poesias. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.)

Considere estas afirmações sobre o poema anterior.

- I. O soneto retrata o ciclo da vida, permeado de dor, de sofrimento e da presença constante e ameaçadora da morte inevitável.
- II. O poeta inaugura a temática do Parnasianismo, apresentando imagens repulsivas, inspiradas na morte e na decomposição da matéria.
- III. O amoníaco representa uma metáfora de alma, pois, segundo o poeta, o homem é composto de corpo (carbono) e alma (amoníaco). No fim da vida, o corpo (orgânico) apodrece, enquanto a alma (inorgânica) mantém-se viva na terra.

Está(ão) correta(s):

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) Apenas II e III.



4.2 - GABARITO

1. E	11. A	21. C
2. C	12. D	22. C
3. A	13. C	23. E
4. E	14. D	24. E
5. D	15. D	25. A
6. B	16. A	26. B
7. D	17. D	27. A
8. A	18. D	28. B
9. B	19. E	29. A
10. C	20. C	30. A



4.3 - QUESTÕES COMENTADAS

1. (ITA - 2013)

O poema abaixo traz a seguinte característica da escola literária em que se insere:

Violões que Choram...

Cruz e Sousa

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.
[...]

- a) tendência à morbidez.
- b) lirismo sentimental e intimista.
- c) precisão vocabular e economia verbal.
- d) depuração formal e destaque para a sensualidade feminina.
- e) registro da realidade através da percepção sensorial do poeta.

Comentários: O poema trata das recordações do poeta, que se lembra de noites remotas a partir de suas próprias percepções. Isso fica claro no número de adjetivos utilizados, ligados ao modo como ele via aquele momento (ex.: “Tristes perfis”). Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há elementos mórbidos, ou seja, ligados à ideia de morte nesse poema.

A alternativa B está incorreta, pois não há sentimentalismo no poema, mas sim o olhar do poeta para o exterior. Ele não está falando sobre seus próprios sentimentos.

A alternativa C está incorreta, pois a linguagem do poema é vaga, remetendo à percepção do poeta.

A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento de figuras femininas, muito menos sensuais.

Gabarito: E



2. (ITA - 2003)

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os portugueses morrerem à míngua
“Minha pátria é minha língua”
Fala, Mangueira!
Flor do Lácio, Sambódromo
Lusamérica, latim em pó.
O que quer
O que pode
Esta língua?
(...)

A expressão “Flor do Lácio” também faz parte de um famoso poema da Literatura Brasileira, intitulado “Língua Portuguesa”, produzido na segunda metade do século XIX.

Assinale a alternativa que apresenta características pertencentes ao estilo da época em que foi produzido esse poema.

- a) Subjetivismo, culto da forma, arte pela arte.
- b) Culto da forma, misticismo, retorno aos motivos clássicos.
- c) Arte pela arte, culto da forma, retorno aos motivos clássicos.
- d) Culto da forma, subjetivismo, misticismo.
- e) Subjetivismo, misticismo, arte pela arte.

Comentários: O poema “Língua Portuguesa” a que o enunciado se refere é o poema de Olavo Bilac, autor parnasiano brasileiro.

O parnasianismo tem como suas principais características a arte pela arte, o culto à forma e o retorno aos motivos clássicos. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o subjetivismo, ou seja, o olhar para os próprios sentimentos, não é uma característica marcante do parnasianismo.



A alternativa B está incorreta, pois o misticismo, a espiritualidade, não são características marcantes do parnasianismo, mas sim do simbolismo.

A alternativa D está incorreta, pois nem o subjetivismo nem o misticismo são características do parnasianismo.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que D: nem o subjetivismo nem o misticismo são características do parnasianismo.

Gabarito: C

3. (ITA - 1998)

Leia com atenção as, duas estrofes a seguir e compare-as quanto ao conteúdo e à forma.

I
"Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo que a ninguém fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego."

II
"Do Sonho as mais azuis diafaneidades
que fuljam, que na Estrofe se levantem
e as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem."

Comparando as duas estrofes, conclui-se que:

- a) I é parnasiana e II, simbolista.
- b) I é simbolista e II, romântica.
- c) I é árcade e II, parnasiana.
- d) I e II são parnasianas.
- e) I e II são simbolistas.

Comentários:

A estrofe I é um trecho do poema "A um Poeta", de Olavo Bilac. É um poema parnasiano. O principal indicativo de pertencimento a essa escola literária é a referência a "templo grego". Lembre-se que uma das características dessa escola é o retorno ao tema da antiguidade clássica.

A estrofe II é um trecho do poema "Antífona", de Cruz e Sousa. É um poema simbolista. O principal indicativo de pertencimento a essa escola literária é a referência a "Sonho", além da linguagem rebuscada e com construções mais elaboradas.

Gabarito: A

4. (Insper - 2019)

Leia trecho do poema de Olavo Bilac.

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amote assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

(Olavo Bilac, Poesias)

No poema, o eu lírico

- a) define-se apaixonado pela língua portuguesa de Portugal, mas não pela do Brasil.
- b) desqualifica a língua portuguesa, pois a vê como agreste e símbolo da saudade.
- c) questiona se a língua portuguesa chegará a ser bela como outras nascidas do latim.
- d) sugere que a língua portuguesa traz em si sentimentos ruins e, por isso, não pode ser bela.
- e) enaltece a língua portuguesa, por sua riqueza capaz de expressar diferentes sentimentos.

Comentários: Ao mesmo tempo que a língua portuguesa traz saudade, ela traz ternura. Ao mesmo tempo que ela é dolorosa, ela é amada. Assim, o poeta exalta a capacidade da língua portuguesa de expressar diferentes sentimentos. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois o verso “De virgens selvas e de oceano largo!” parece fazer referência ao Brasil de maneira elogiosa, mostrando que ele não faz distinção entre a variante de Portugal e a do Brasil.

A alternativa B está incorreta, pois o poeta fala o poema todo sobre como ama a língua portuguesa, não desqualificando-a portanto.

A alternativa C está incorreta, pois o poeta afirma logo no início que a língua portuguesa é bela.

A alternativa D está incorreta, pois no verso “Amo-te, ó rude e doloroso idioma,” fica claro que a língua pode ser amada e causar dor mesmo assim.

Gabarito: E

5. (EsPCEX - 2018)



Os parnasianos acreditavam que, apoiando-se nos modelos clássicos, estariam combatendo os exageros de emoção e fantasia do Romantismo e, ao mesmo tempo, garantindo o equilíbrio que almejavam. Propunham uma poesia objetiva, de elevado nível vocabular, racionalista, bem-acabada do ponto de vista formal e voltada para temas universais. Esse racionalismo, que enfrentava os “exageros de emoção” e fixava-se no formalismo, fica bem claro na seguinte estrofe parnasiana de Olavo Bilac:

- a) E eu vos direi: “Amai para entendê-las!/Pois só quem ama pode ter ouvido/Capaz de ouvir e de entender estrelas.”
- b) Não me basta saber que sou amado,/Nem só desejo o teu amor: desejo/Ter nos braços teu corpo delicado,/Ter na boca a doçura de teu beijo.
- c) Pois sabeí que é por isso que assim ando:/Que é dos loucos somente e dos amantes/Na maior alegria andar chorando.
- d) Mas que na forma se disfarce o emprego/Do esforço; e a trama viva se construa/De tal modo, que a imagem fique nua,/Rica, mas sóbria, como um templo grego.
- e) Esta melancolia sem remédio,/Saudade sem razão, louca esperança/Ardendo em choros e findando em tédio.

Comentários: A estrofe que melhor contempla o conceito exposto no enunciado é “Mas que na forma se disfarce o emprego/Do esforço; e a trama viva se construa/De tal modo, que a imagem fique nua,/Rica, mas sóbria, como um templo grego”. Veja como vários pontos são contemplados:

- “fixava-se no formalismo”: Mas que na forma se disfarce o emprego/Do esforço; e a trama viva se construa
- “apoiando-se nos modelos clássicos estariam combatendo os exageros de emoção e fantasia do Romantismo ”: Rica, mas sóbria, como um templo grego.

Gabarito: D

Texto para as questões 6 e 7

Não se zanguem

⁰¹ A cartomancia entrou decididamente na vida ⁰² nacional.

⁰³ Os anúncios dos jornais todos os dias ⁰⁴ proclamam aos quatro ventos as virtudes ⁰⁵ miríficas das pitonisas.

⁰⁶ Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza ⁰⁷ pelas adivinhas; acho até que são bastante ⁰⁸ úteis, pois mantêm e sustentam no nosso ⁰⁹ espírito essa coisa que é mais necessária à ¹⁰ nossa vida que o próprio pão: a ilusão.

¹¹ Noto, porém, que no arraial dessa gente que ¹² lida com o destino, reina a discórdia, tal e qual ¹³ no campo de Agramante.

¹⁴ A política, que sempre foi a inspiradora de ¹⁵ azedas polêmicas, deixou um instante de sê-lo ¹⁶ e passou a vara à cartomancia.

¹⁷ Duas senhoras, ambas ultravidentes, ¹⁸ extralúcidas e não sei que mais, aborreceram-se ¹⁹ e anda uma delas a dizer da outra cobras e ²⁰ lagartos.

²¹ Como se pode compreender que duas ²² sacerdotisas do invisível não se entendam e ²³ deem ao público esse espetáculo de brigas tão ²⁴ pouco próprio a quem recebeu dos altos ²⁵ poderes celestiais virtudes excepcionais?

²⁶ A posse de tais virtudes devia dar-lhes uma ²⁷ mansuetude, uma tolerância, um abandono ²⁸ dos interesses terrestres, de forma a impedir ²⁹ que o azedume fosse logo abafado nas suas ³⁰ almas extraordinárias e não rebentasse em ³¹ disputas quase sangrentas.

³² Uma cisão, uma cisma nessa velha religião de ³³ adivinhar o futuro, é fato por demais grave e ³⁴ pode ter consequências desastrosas.

³⁵ Suponham que F. tenta saber da cartomante X ³⁶ se coisa essencial à sua vida vai dar-se e a ³⁷ cartomante, que é dissidente da ortodoxia, por ³⁸ pirraça diz que não.

³⁹ O pobre homem aborrece-se, vai para casa de ⁴⁰ mau humor e é capaz de suicidar-se.

⁴¹ O melhor, para o interesse dessa nossa pobre ⁴² humanidade, sempre necessitada de ilusões, ⁴³ venham de onde vier, é que as nossas ⁴⁴ cartomantes vivam em paz e se entendam ⁴⁵ para nos ditar bons horóscopos.

(BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.)

6. (UECE - 2018)

A referenciação textual pode ser definida como a retomada de termos e ideias que garantem a coesão e a progressão de sentido do texto por meio de elementos linguísticos. Um exemplo desse procedimento, ao longo da crônica de Lima Barreto, se dá com o uso do termo “cartomantes”, que é retomado por alguns referentes textuais, estabelecendo diferentes sentidos com estes referentes. Atente ao que se diz a seguir a respeito disso:

- I. Ao substituir “cartomantes” pelo termo “pitonisas” (Ref. 05), o autor pretende mostrar que o trabalho da cartomancia tem uma longa tradição histórica.
- II. Ao afirmar, no terceiro parágrafo, que não tem “nenhuma ojeriza pelas adivinhas” (Refs. 06-07), o autor recupera cartomantes pelo termo adivinhas, justificando que a prática de adivinhar o futuro cumpre sua função útil e necessária no cotidiano das pessoas, que é a função de iludir.
- III. Ao se referir às “cartomantes” pela expressão “dessa gente que lida com o destino” (Refs. 11-12), o autor se apresenta numa relação afetuosa de muita proximidade com as cartomantes.
- IV. Ao empregar o referente “duas sacerdotisas do invisível” (Refs. 21-22) para fazer alusão às “duas senhoras” (cartomantes) (Ref. 17), o autor procura salientar, ironicamente, a dimensão religiosa do ofício profético da cartomancia.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II, III e IV.



- b) I, II e IV somente.
- c) I, III e IV somente.
- d) II, e III somente.

Comentários:

O item I está correto, pois pitonisas eram sacerdotisas do templo de Apolo, na Grécia Antiga, responsáveis por fazer profecias. Assim, o autor demonstra que há muito tempo há pessoas cujo trabalho é prever o futuro.

O item II está correto. Isso se confirma pela continuação da escrita após o trecho selecionado: “acho até que são bastante úteis, pois mantêm e sustentam no nosso espírito essa coisa que é mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão.”

O item III está incorreto, pois o autor produz diversas críticas às cartomantes, denotando que ele não nutre nenhum afeto por elas.

O item IV está correto, pois o autor, logo depois desse trecho, afirma que a cartomante é alguém que “recebeu dos altos poderes celestiais virtudes excepcionais”.

Gabarito: B

7. (UECE- 2018)

A crônica *Não se zanguem* serve para mostrar muitas características que podem ser encontradas na literatura de Lima Barreto de forma geral. Assinale a opção que **NÃO** condiz com essas características.

- a) Há presente, na prosa literária de Lima Barreto, uma galeria de fatos e personagens que ilustra bem o panorama dos primeiros vinte anos do século XX carioca, apresentando a cidade do Rio de Janeiro com seus problemas e sua disparidade cultural, econômica e política.
- b) As obras do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* estão pautadas em temáticas socialmente engajadas, que denunciam mazelas e criticam assuntos do cotidiano.
- c) O teor satírico e humorístico está presente fortemente nos escritos literários de Lima Barreto.
- d) Como escritor vinculado ao chamado Pré-Modernismo, Lima Barreto apresentou-nos uma prosa em linguagem excessivamente formal.

Comentários: Uma das principais características do Pré-Modernismo – e de Lima Barreto essencialmente – é o uso de um linguajar mais informal, com traços de coloquialidade. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa D.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois Lima Barreto de fato se dedica aos fatos históricos contemporâneos a si, traçando um panorama da sociedade.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois há diversas críticas sociais na obra de Lima Barreto, principalmente acerca das questões raciais e da fixação da república.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois o sarcasmo e a ironia são traços característicos do autor.

Gabarito: D

8. (UFU - 2017) - adaptada

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards* dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*.
São Paulo: Ática, 2011. p. 125.

Em suas entrelinhas, o trecho apresenta a dualidade “cidade” e subúrbio. Levando-se isso em conta, o fragmento

- a) inadequação do suburbano quando no meio urbano.
- b) revela o desejo de ascensão do suburbano.
- c) indica a educação como quesito para uma cisão social.
- d) ratifica a necessidade de separação física dos dois locais.

Comentários: O fragmento mostra como as pessoas ditas “suburbanas”, ou seja, aquelas que não provinham das cidades, se percebiam quando em contato com o ambiente urbano. Eles se sentiam inadequados e “medíocres”. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há passagens que denotem um desejo de se adequar à aquele ambiente e ascender socialmente. Apenas mostra como as pessoas se sentiam ali.

A alternativa C está incorreta, pois há outros elementos que indicam a cisão, como “inteligência”, “rusticidade”, etc.

A alternativa D está incorreta, não há indicação de que, por serem diferentes, essas pessoas devessem ser separadas fisicamente.

Gabarito: A

9. (UNESP - 2017)

Os parnasianos brasileiros se distinguem dos românticos pela atenuação da subjetividade e do sentimentalismo, pela ausência quase completa de interesse político no contexto da obra e pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

A referida “atenuação da subjetividade e do sentimentalismo” está bem exemplificada na seguinte estrofe do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1859-1937):

- a) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,



Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

b) Erguido em negro mármore lúcido,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.

c) Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

d) Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde. –

e) Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

Comentários: A única alternativa que não apresenta traços de subjetividade ou sentimentalismo é “Erguido em negro mármore lúcido,

Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.”

Esse trecho é apenas a descrição de um palácio, descrevendo elementos (“portas”) e materiais (“mármore”). Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A apresenta traços de subjetividade em: “meu peito rebentar-se a fibra” e “Não derramem por mim nem uma lágrima”.

A alternativa C apresenta traços de subjetividade em: “Eu vi-a e minha alma antes de vê-la” e “Dos meus sonhos a virgem conheci”

A alternativa D apresenta traços de subjetividade em: “Chorei saudades do meu lar querido”

A alternativa E apresenta traços de subjetividade em: “Eu morro qual nas mãos da cozinheira O marreco piando na agonia”

Gabarito: B

Texto para as questões 10 e 11

De repente, uma variante trágica.



Aproxima-se a seca.

O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo.

Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia do Ceará.

[...]

Os sintomas do flagelo despontam-lhe, então, encadeados em série, sucedendo-se inflexíveis, como sinais comemorativos de uma moléstia cíclica, da seção assombradora da Terra. [...] E ao descer das tardes, dia a dia menores e sem crepúsculos, considera, entristecido, nos ares, em bandos, as primeiras aves emigrantes, transvoando a outras climas...

É o prelúdio da desgraça.

Vê-o acentuar, num crescente, até dezembro.

Precautela-se: revista, apreensivo, as malhadas. Percorre os logradouros longos. Procura entre as chapadas que se esterilizam várzeas mais benignas para onde tange os rebanhos. E espera, resignado, o dia 13 daquele mês. Porque, em tal data, usança avoenga lhe faculta sondar o futuro, interrogando a Providência.

É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmutada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo.

Esta experiência é belíssima. Em que pese ao estigma supersticioso, tem base positiva, e é aceitável desde que se considere que dela se colhe a maior ou menor dosagem de vapor d'água nos ares, e, dedutivamente, maiores ou menores probabilidades de depressões barométricas, capazes de atrair o afluxo das chuvas.

(Euclides da Cunha. Os Sertões, 1979. Adaptado)

10. (Insper- 2017)

A leitura do texto permite concluir, com correção, que no último parágrafo o autor sustenta

- um viés sentimentalista, já que trata a seca com subjetividade, expondo sua desolação diante do drama do flagelo, em perspectiva compatível com as teses do Modernismo.
- uma visão idealizada da realidade, por meio da qual ameniza os problemas vividos pelo sertanejo, em perspectiva compatível com as teses do Regionalismo de 30.
- um enfoque científico, evidenciando uma postura sociológica no tratamento do flagelo da realidade nacional, em perspectiva compatível com as teses do Pré-Modernismo.
- uma abordagem popular supersticiosa, já que entende a prática do sertanejo como algo que foge ao senso crítico, em perspectiva compatível com as teses do Simbolismo.
- uma análise imparcial, expondo uma postura ingênua diante de fenômenos naturais, como a seca, em perspectiva compatível com as teses do Pós-Modernismo.



Comentários: Euclides da Cunha em *Os sertões* produz um romance documental, buscando compreender de maneira científica a realidade do sertão e seu povo. Isso se relaciona com o pré-modernismo, que mistura traços do realismo e naturalismo (como o cientificismo) com antecipações modernistas (experimentação formal). Assim, a alternativa certa é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o trecho apresenta informações precisas e de caráter científico, não sentimentalistas.

A alternativa B está incorreta, pois Euclides aborda o ambiente sem idealizações, apresentando-o em todas as suas mazelas.

A alternativa D está incorreta, pois a descrição da superstição popular não significa que o autor tome isso como norte do seu texto.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não é ingênuo, mas sim analítico e racional.

Gabarito: C

11. (Insper - 2017)

Uma das consequências do flagelo da seca é naturalmente a miséria humana. No texto, ao tratar do tema, o autor descreve o sertanejo como

- a) uma força a combater os infortúnios da seca, o que se revela quer na sua atitude religiosa e supersticiosa, quer na forma como investiga o meio em que vive.
- b) um curioso, o que se revela na forma como se relaciona com o lugar onde vive e que, por não ter como transformar, acaba por menosprezá-lo totalmente.
- c) uma vítima dos infortúnios da seca, o que se revela pela sua situação de descontrole pessoal ante a desgraça prevista, restando-lhe de conforto apenas a fé religiosa.
- d) um descrente, o que se revela pela aceitação natural dos infortúnios da seca e pela rejeição a qualquer forma de amenizar sua dor, como a superstição ou a fé religiosa.
- e) um combatente nato, o que se revela tanto na sua revolta ao pensar na possibilidade de seca, como na busca de soluções desvinculadas da fé religiosa.

Comentários: O sertanejo, por ter que conviver com a seca e a miséria, encontra estratégias para lidar com o problema. Algumas vezes, isso ocorre pela chave do misticismo, através de superstições; outras vezes, isso ocorre pela chave da observação que, instintivamente, realiza uma espécie de método científico, pois investiga para elaborar soluções. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o sertanejo não menospreza o local em que vive, mas sim tenta lidar com ele da melhor maneira possível.

A alternativa C está incorreta, pois o sertanejo não está em situação de descontrole diante do ambiente. Tanto é verdade que ele tenta modificá-lo de diversas maneiras.

A alternativa D está incorreta, pois é possível perceber que a fé religiosa também é uma das chaves de entendimento de mundo do sertanejo.

A alternativa E está incorreta, pois o sertanejo também busca soluções na fé religiosa, através de superstições.

Gabarito: A



Texto para as questões 12 e 13

Incontentado

Paixão sem grita, amor sem agonia,
Que não oprime nem magoa o peito,
Que nada mais do que possui queria,
E com tão pouco vive satisfeito...

Amor, que os exageros repudia,
Misturado de estima e de respeito,
E, tirando das mágoas alegria,
Fica farto, ficando sem proveito...

Viva sempre a paixão que me consome,
Sem uma queixa, sem um só lamento!
Arda sempre este amor que desanimas!

Eu, eu tenha sempre, ao murmurar teu nome,
O coração, malgrado o sofrimento,
Como um rosal desabrochado em rimas.

<<https://tinyurl.com/nxwg9mp>> Acesso em: 17.02.2017.

12. (FATEC - 2017)

Dentre as características do texto Incontentado, de Olavo Bilac, temos

- a) todas as estrofes com o mesmo número de versos, apresentando temática eminentemente religiosa.
- b) o mesmo número de sílabas poéticas em cada verso, descrevendo um suicídio.
- c) versos livres com vocabulário popular, contemplando a vida campestre.
- d) o uso do soneto, evidenciando uma temática amorosa.
- e) vocabulário culto, expressando uma crítica social.

Comentários: O soneto se caracteriza por ser uma estrutura fixa de 4 estrofes, 2 de quatro versos e 2 de três versos. Esse soneto fala sobre uma temática amorosa, falando sobre o modo como o eu-lírico lida com as paixões. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o soneto possui duas estrofes de quatro versos e duas de três versos.

A alternativa B está incorreta, pois o poema não descreve um suicídio, mas a o modo como o poeta se sente em relação ao amor.

A alternativa C está incorreta, pois não há uso nem de versos livres nem de vocabulário popular aqui. Pelo contrário, há o uso de estruturas fixas e linguagem culta.

A alternativa E está incorreta, pois não há crítica social implícita no poema.



Gabarito: D

13. (FATEC - 2017)

Olavo Bilac foi poeta brasileiro, identificado com o movimento literário intitulado Parnasianismo. Uma das características literárias desse movimento é o uso de rimas ricas, ou seja, rimas entre palavras de classes gramaticais diferentes.

Assinale a alternativa que apresenta uma rima rica entre um verbo e um substantivo.

- a) “Que não oprime nem magoa o peito,/ Misturado de estima e de respeito.”
- b) “Que nada mais do que possui queria,/ Amor, que os exageros repudia.”
- c) “Viva sempre a paixão que me consome,/ Eu, eu tenha sempre, ao murmurar teu nome.”
- d) “Fica farto, ficando sem proveito.../ Misturado de estima e respeito.”
- e) “Sem uma queixa, sem um lamento!/ O coração, malgrado o sofrimento.”

Comentários: A alternativa que apresenta rima rica é “Viva sempre a paixão que me consome,/ Eu, eu tenha sempre, ao murmurar teu nome.”, pois “consome” é um verbo e “nome” é um substantivo.

A alternativa A está incorreta, pois tanto “peito” quanto “respeito” são substantivos.

A alternativa B está incorreta, pois tanto “queria” quanto “repudia” são verbos.

A alternativa D está incorreta, pois tanto “proveito” quanto “respeito” são substantivos.

A alternativa E está incorreta, pois tanto “lamento” quanto “sofrimento” são substantivos.

Gabarito: C

14. (IME - 2016)

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,

Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Quanto ao poema de Augusto dos Anjos, é coerente afirmar que

- a) revela um “eu” conformado com seu destino ao traduzir um olhar depressivo sobre o homem reduzido às leis fisiológicas.
- b) vai ao encontro do movimento parnasiano e da tendência geral de se pensar a poesia como a arte de dizer o sublime, o inefável.
- c) reduz as possibilidades de polissemia exigidas pela arte literária ao trazer palavras consideradas “antipoéticas” como “carbono”, “verme” e “epigênese”.
- d) resiste às classificações literárias de cunho didático por suas características formais e temáticas.
- e) despreza completamente o cientificismo em voga no início do século XX.

Comentários: Apesar de tratar de elementos científicos e vocabulário de biológicas/exatas, o texto não é didático. É um texto poético, que faz uso de formas estruturadas, rimas e métrica. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há um olhar depressivo, mas sim científico, beirando a escatologia.

A alternativa B está incorreta, pois diferente do parnasianismo, aqui há o tratamento do sentimento. O parnasianismo busca falar de temas menos ligados ao sentimental.

A alternativa C está incorreta, pois não é uma exigência da literatura que se faça uso exclusivo de palavras polissêmicas.

A alternativa E está incorreta, pois o poema é completamente alinhado com a ideia do cientificismo, de entender a realidade a partir do olhar da racionalidade.

Gabarito: D

15. (UNESP - 2016)

Considere o poema do português Eugênio de Castro (1869-1944).

MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso
[gesto canta!

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...



Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

(Obras poéticas, 1968.)

A musicalidade, as reiteraões, as aliteraões e a profusão de imagens e metáforas são algumas características formais do poema, que apontam para sua filiação ao movimento

- a) romântico.
- b) modernista.
- c) parnasiano.
- d) simbolista.
- e) neoclássico.

Comentários: O poema em questão pertence ao movimento simbolista. Ainda que Eugênio de Castro não seja um dos poetas mais conhecidos do movimento, o enunciado poderia ajudar a confirmar a filiação ao movimento. A sonoridade e a musicalidade são muito importantes para o simbolismo. Além disso, o uso das figuras de linguagem também são características do movimento. A forma fixa do poema também indica seu pertencimento ao simbolismo.

A alternativa A está incorreta, pois o movimento romântico tem três gerações de poesia e nenhuma dela possui as características citadas no enunciado.

A alternativa B está incorreta, pois no modernismo há maior experimentação da forma e isso não ocorre nesse poema.

A alternativa C está incorreta, pois o parnasianismo não reflete sobre sentimentos, mas sim sobre temas mais cotidianos.

A alternativa E está incorreta, pois o neoclássico também conhecido como arcadismo, fala sobre temas pastoris majoritariamente.

Gabarito: D

16. (Insper - 2016)

Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma



Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

GUIMARAENS, A. "Soneto do Aroma". Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/guimaraens.htm>>. Acesso em 16/04/2016.

Na poesia simbolista, a emoção estética é despertada a partir de uma linguagem que sintetiza múltiplas sensações. Para atingir esse propósito, Alphonsus de Guimaraens, nos versos acima, recorre ao emprego da

- a) sinestesia.
- b) aliteração.
- c) perífrase.
- d) personificação.
- e) hipérbole.

Comentários: O poeta faz uso da sinestesia nesse trecho destacado. A sinestesia é a mistura de sensações (tato, visão, audição, olfato, paladar). Isso ocorre em "cheiro a luz" e "audição colorida do aroma". Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois aliteração é a repetição de consoantes, criando efeito sonoro.

A alternativa C está incorreta, pois a perífrase é quando se substitui um nome por uma outra expressão que contenha características suas (Ex.: São Paulo = Terra da Garoa).

A alternativa D está incorreta, pois a personificação ocorre quando atribui-se características humanas a animais ou objetos.

A alternativa E está incorreta, pois a hipérbole consiste no exagero, na exacerbação da expressão.

Gabarito: A

17. (IFPE - 2015)

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.



Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos
Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/poemas_de_augusto_dos_anjos/>.
Acesso em: 30 set. 2014.

Em relação aos sentidos das palavras retiradas do poema “Versos íntimos” do poeta paraibano Augusto dos Anjos, é correto afirmar que

- I. o vocábulo “formidável”, no primeiro verso, tem como sinônimo admirável.
- II. “quimera”, no segundo verso do poema, pode significar “fantasia” ou “alucinação”.
- III. no décimo verso do poema, o termo “escarro” tem uma conotação positiva.
- IV. “chaga”, no primeiro verso da última estrofe, é sinônimo de doença.
- V. no penúltimo verso do poema, a palavra “vil” significa “desconhecida”.

São verdadeiras apenas as proposições:

- a) I, II e III
- b) I, IV e V
- c) II, III e V
- d) I, II e IV
- e) II, III e IV

Comentários:

O item I está correto, pois a substituição das palavras pode ser feita sem prejuízo de sentido: “Vês! Ninguém assistiu ao **admirável** / Enterro de tua última quimera.”

O item II está correto, pois uma quimera é um ser mágico da mitologia grega, formado pela mistura de diversos animais. Por extensão, a palavra “quimera” passou a significar algo que não existe ou é fantasioso.

O item III está incorreto, pois “escarro” significa “cuspe”. No verso o eu-lírico afirma que após o beijo virá o escarro, ou seja, que após algo bom virá algo ruim.

O item IV está correto, pois o sentido desse verso é: se alguém ainda sente pena de seu sofrimento, não aceite as demonstrações de afeto dessa pessoa, pois o afago é prenúncio de mais sofrimento.

O item V está incorreto, pois “vil” significa “reles”, “de pouco valor”, não desconhecida.

Gabarito: D



18. (UNIFESP - 2015)

Leia o soneto de Cruz e Sousa.

Silêncios

Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!

(Cruz e Sousa. Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos, 2008.)

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

- a) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestésias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- b) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- c) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- d) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.
- e) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestésias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

*Para responder essa questão você precisaria de um conhecimento sobre forma poética. Esse assunto está no material de gramática e interpretação de texto para ITA, mas vamos disponibilizar alguns significados aqui para que você possa responder à questão:

Rimas alternadas – as rimas acontecem intercalando os versos, ou seja, o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo verso com o quarto (ABAB).



Redondilha maior: 7 sílabas poéticas em cada verso.

Versos livres: versos sem métrica regular

Comentários: Os versos do poema são decassílabos. Isso se comprova pela escansão do poema:

“Lar / gos / Si/ lên/ cios / in/ ter / pre / ta/ tivos”

Além disso, há a presença de aliterações e assonâncias, como em “Eu vos sinto os mistérios insondáveis”.

O poema fala sobre a subjetividade do eu-lírico, passando por referências religiosas/místicas (“estranhos anjos inefáveis”).

Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois os versos não têm rima alternada (perceba que na primeira estrofe, o primeiro verso rima com o quarto, e o segundo com o terceiro), nem é escrito em redondilha maior, mas em decassílabos.

A alternativa B está incorreta, pois os versos não são livres, mas sim decassílabos regulares.

A alternativa C está incorreta pelo mesmo motivo que B: os versos não são livres.

A alternativa E está incorreta, pois os versos não têm doze sílabas poéticas, mas sim dez.

Gabarito: D

19. (UDESC - 2014)

Cavador do Infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito
E sobe aos mundos mais imponderáveis,
Vai abafando as queixas implacáveis,
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo, escrito
Sente, em redor, nos astros inefáveis.
Cava nas fundas eras insondáveis
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho.
E como seu vulto pálido e tristonho
Cava os abismos das eternas ânsias!

SOUZA, Cruz e. *Últimos Sonetos*. www.dominiopublico.gov.br.

Analise as proposições em relação ao soneto “Cavador do Infinito”, Cruz e Souza.



- I. A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.
- II. Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.
- III. O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu-lírico.
- IV. No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: “Sonho” (versos 1 e 12), “Ânsias” e “Desejos” (verso 5); “Infinito” (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.
- V. Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema “Cavador do Infinito” reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

Comentários: O poema lida com temáticas acerca do sonho e do inconsciente. É um poema que investiga a essência humana, buscando nas profundezas uma resposta. **A dificuldade** do poema está em compreender que essa ação é realizado pelo próprio eu-lírico, ou seja, ele fala sobre uma busca pessoal, buscando respostas para suas aflições.

O item I está correto, pois as ações são realizadas pelo próprio eu-lírico, ainda que não estejam em 1ª pessoa do singular.

O item II está correto, pois a “lâmpada do sonho” é uma metáfora para o onírico, representado aqui por esse objeto.

O item III está correto, pois as reticências dão noção de incompletude, continuidade. Assim, o drama do eu-lírico fica mais sensível ao leitor.

O item IV está correto, pois substantivos comuns não são escritos normalmente com letra maiúscula. Isso ocorre com os substantivos próprios. Ao colocar a letra maiúscula nos substantivos comuns, o autor destaca essas palavras e seus sentidos.

O item V está correto, pois essa é justamente a análise do poema: o poeta busca a transcendência e a transfiguração para o metafísico.

Gabarito: E

20. (UNIFESP - 2013)



Essa poesia não logrou estabelecer-se em Portugal. De origem francesa, suas primeiras manifestações datam de 1866, quando um editor parisiense publica uma coletânea de poemas; em 1871 e 1876, saem outras duas coletâneas. Os poetas desse movimento literário pregam o princípio da Arte pela Arte, isto é, defendem uma arte que não sirva a nada e a ninguém, uma arte inútil, uma arte voltada para si própria. A Arte procuraria a Beleza e a Verdade que existiriam nos seres concretos, e não no sentimento do artista. Por isso, o belo se confundiria com a forma que o reveste, e não com algo que existiria dentro dele. Daí vem que esses poetas sejam formalistas e preguem o cuidado da forma artística como exigência preliminar. Para consegui-lo, defendem uma atitude de impassibilidade diante das coisas: não se emocionar jamais; antes, impessoalizar-se tanto quanto possível pela descrição dos objetos, via de regra inertes ou obedientes aos movimentos próprios da Natureza (o fluxo e refluxo das ondas do mar, o voo dos pássaros, etc.). Esteticistas, anseiam uma arte universalista.

Em Portugal, tentou-se introduzir esse movimento; certamente, impregnou alguns poetas, exerceu influência, mas não passou de prurido, que pouco alterou o ritmo literário do tempo. Na verdade, o modo fortuito como alguns se deixaram contaminar da nova moda poética revelava apenas veleidade francófila, em decorrência de razões de gosto pessoal ou de grupos restritos: faltou-lhes intuito comum.

(Massaud Moisés. A literatura portuguesa, 1999. Adaptado.)

As informações apresentadas no texto referem-se à literatura

- simbolista, cuja busca pelo Belo implicou a liberdade na expressão dos sentimentos. O texto deixa claro que essa literatura alcançou notável aceitação entre os poetas da época.
- simbolista, cuja preocupação com a expressão do sentimento filia-se à tradição poética do Renascimento. O texto deixa claro que essa literatura teve um desenvolvimento tímido na cena literária portuguesa.
- parnasiana, cuja preocupação com a objetividade a opõe ao subjetivismo romântico. O texto deixa claro que essa literatura não se impôs na cena literária portuguesa.
- parnasiana, cuja liberdade de expressão e cujo compromisso social permitem fundamentar a Arte pela Arte. O texto deixa claro que essa literatura teve pouco espaço na cena literária portuguesa.
- realista, cuja influência da tradição clássica é fundamental para se chegar à perfeição. O texto deixa claro que essa literatura teve uma disseminação irregular na cena literária portuguesa.

Comentários: O texto descreve o movimento de poesia parnasiana. Isso se comprova por algumas citações:

“Os poetas desse movimento literário pregam o princípio da Arte pela Arte, isto é, defendem uma arte que não sirva a nada e a ninguém, uma arte inútil, uma arte voltada para si própria.”

“Daí vem que esses poetas sejam formalistas e preguem o cuidado da forma artística como exigência preliminar. Para consegui-lo, defendem uma atitude de impassibilidade diante das coisas: não se emocionar jamais; antes, impessoalizar-se tanto quanto possível pela descrição dos objetos, via de

regra inertes ou obedientes aos movimentos próprios da Natureza (o fluxo e refluxo das ondas do mar, o voo dos pássaros, etc.).”

Como no final do texto, o autor afirma que não houve grande expressão desse movimento em Portugal, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois além desse texto não contar com as características do simbolismo, no texto também fica claro que se trata de um movimento que não teve grande alcance: “mas não passou de prurido, que pouco alterou o ritmo literário do tempo”.

A alternativa B está incorreta, pois além do texto não tratar do simbolismo, os simbolistas não retornavam à ideias do Renascimento, mas sim da Antiguidade Clássica.

A alternativa D está incorreta, pois não há no parnasianismo a ideia de liberdade de expressão ou compromisso com assuntos sociais.

A alternativa E está incorreta, pois o movimento realista não se inspira na antiguidade clássica nem busca alcançar a perfeição, mas sim o retrato fiel do real.

Gabarito: C

21. (UFTM - 2013)

Leia os versos do poema *Psicologia de um vencido*, de Augusto dos Anjos.

*Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!*

Nesses versos, o eu lírico enfatiza

- a) o destino daqueles que morrem em uma guerra.
- b) a resistência do homem ante a ação do tempo e dos vermes.
- c) a miséria do homem pela decomposição de sua matéria.
- d) a supremacia do homem sobre os seres inferiores.
- e) o embate entre a matéria e o espírito.

Comentários: O poema descreve o processo de putrefação da carne do homem. Os vermes serão os animais que vão decompor o corpo após a morte. Uma das matérias orgânicas mais duradouras é o cabelo e, por isso, o poeta cita que os vermes vão deixar apenas seus cabelos na terra. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho se refere à guerra que os vermes declaram ao corpo morto, destruindo-o ao comê-lo.

A alternativa B está incorreta, pois o poema deixa claro que o homem vai se decompor após a morte.



A alternativa D está incorreta, pois não há a questão da superioridade do homem. Até porque, os vermes vão comer sua carne no futuro, então ele não pode ser considerado superior a eles.

A alternativa E está incorreta, pois a ideia de espírito não aparece no poema, apenas do corpo e sua decomposição.

Gabarito: C

22. (UEFS - 2013)

I.



DALÍ, Salvador. Madona. 1949. 1 original de arte, óleo sobre tela. In: HARRIS, Nathaniel. Vida e obra de Dalí Dali. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 66. Tradução de: The life and works of Dalí.

II.

Primeira dor

Nossa Senhora vai... Céu de esperança
Coroando-lhe o perfil judaico e fino...
E um raio de ouro que lhe beija a trança
É como um grande resplendor divino.

O seu olhar, tão cheio de ondas, lança
Clarões longínquos de astro vespertino.
Sob a túnica azul uma alva Criança
Chora: é o vagido de Jesus Menino. [...]

GUIMARAENS, Alphonsus de. Primeira dor. Cantos de amor, salmos de prece: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972, p. 112.

Os dois textos enfocam a mesma temática por meio de diferentes linguagens.

A alternativa que apresenta um elemento ausente em ambos os textos é a

- a) Gosto pelo pormenor.
- b) Fragmentação da realidade.
- c) Evocação mística da natureza.
- d) Expressão de um ideal de pureza.
- e) Formas sugestivas para traduzir o etéreo, o espiritual.

Comentários: Ambos os textos lidam com a religiosidade, retratando cada um a sua maneira a Virgem Maria e o menino Jesus. Não há evocação da natureza, portanto, mas sim a descrição dessas personagens. Assim, a alternativa incorreta é a alternativa C.

A alternativa A não possui incorreção, pois ambos os textos detalham bastante seus objetos.

A alternativa B não possui incorreção, pois no quadro há uma fragmentação tanto do corpo de Virgem Maria quanto do trono em que ela está sentada. Já no poema, a fragmentação está na concatenação de ideias diferentes (Ex.: Primeira dor / Nossa Senhora vai... Céu de esperança)

A alternativa D não possui incorreção, pois nos dois textos há uma noção de pureza: no quadro, na posição de Virgem Maria e seu rosto; no poema, na descrição da personagem (Ex.: “É como um grande resplendor divino”).

A alternativa E não possui incorreção, pois há uma noção de espiritualidade na imagem, tanto nas mãos da Virgem Maria, quanto nos objetos acima de sua cabeça, que transmitem uma impressão semelhante a uma auréola; e no poema em trechos como “O seu olhar, tão cheio de ondas, lança / Clarões longínquos de astro vespertino”.

Gabarito: C

23. (UNIFESP - 2013)

Apóstrofe à carne

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.

E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,



Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

(Augusto dos Anjos. *Obra completa*, 1994.)

No soneto de Augusto dos Anjos, é evidente

- a) a visão pessimista de um “eu” cindido, que desiste de conhecer-se, pelo medo de constatar o já sabido de sua condição humana transitória.
- b) o transcendentalismo, uma vez que o “eu” desintegrado objetiva alçar voos e romper com um projeto de vida marcado pelo pessimismo e pela tortura existencial.
- c) a recorrência a ideias deterministas que impulsionam o “eu” a superar seus conflitos, rompendo um ciclo que naturalmente lhe é imposto.
- d) a vontade de se conhecer e mudar o mundo em que se vive, o que só pode ser alcançado quando se abandona a desintegração psíquica e se parte para o equilíbrio do “eu”.
- e) o uso de conceitos advindos do cientificismo do século XIX, por meio dos quais o poeta mergulha no “eu”, buscando assim explorar seu ser biológico e metafísico.

Comentários: Um dos principais traços de Augusto dos Anjos, também presente no pré-modernismo como um todo, é a influência do naturalismo e do cientificismo. Assim, elementos da biologia e das exatas são inseridos no texto, convivendo com referências ao metafísico. A alternativa correta, portanto, é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois apesar da visão sem idealizações da vida humana, não há medo na fala do eu-lírico, apenas pesar pela condição humana.

A alternativa B está incorreta, pois não há perspectiva de transcender a condição efêmera do corpo, apenas expô-la.

A alternativa C está incorreta, pois não há rompimento do ciclo natural da vida humana que culmina em morte.

A alternativa D está incorreta, pois não há vontade de mudar o mundo, apenas pesar por passar para as próximas gerações essa condição humana.

Gabarito: E

24. (FGV - 2010)

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.



O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênua para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem* o progresso da nossa cultura científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômescio* de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade. P. e E. deferimento.

Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma.

*** Glossário:**

“empecem”: prejudicam, impedem.

“cômescio”: consciente.

Entre as marcas linguísticas presentes no texto, destaca-se

- a) o emprego de linguagem figurada, com a finalidade de reforçar a argumentação.
- b) o predomínio da coordenação, visando a torná-lo mais descritivo.
- c) a originalidade de sua estruturação, em contraste com a do romance em que se insere.
- d) a incorporação de coloquialismos para disfarçar a origem nobre do autor do pedido.
- e) o uso de linguagem estereotipada, tendo em vista sua finalidade.

Comentários: Por estar conversando com políticos – da Câmara e o Senado – a personagem fala com um linguajar estereotipado, que acredita ser mais coerente par o público a que se refere. Há alguma ironia em adaptar seu discurso para o público, visando se comunicar com eles, porém fazê-lo de maneira estereotípica. Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há linguagem figurada no texto. A argumentação se baseia em dados acerca do tupi que justificariam sua escolha como língua oficial.

A alternativa B está incorreta, pois o texto não é descritivo, mas sim argumentativo. A personagem pretende convencer os outros que o tupi deveria ser a língua oficial do Brasil.

A alternativa C está incorreta, pois o romance todo é escrito do mesmo modo, com uma linguagem mais informal. Apenas a fala de Policarpo está adaptada, pois está tentando se comunicar com os políticos.

A alternativa D está incorreta, pois o autor não possui origem nobre. Ele é um funcionário público.

Gabarito: E



25. (UNESP - 2010)

Considere o poema do parnasiano brasileiro Julio César da Silva (1872-1936):

Arte suprema

Tal como Pigmalião, a minha ideia
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;
Digo-lhe: “Fala!”, ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a cora e aformoseia...
E a estátua não falou, porque era estátua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não é que eu digo ao verso: “Fala!”
E ele fala-me sempre, porque é verso.

(Júlio César da Silva. *Arte de amar*. São Paulo:
Companhia Editora Nacional, 1961.)

O soneto *Arte suprema* apresenta as características comuns da poesia parnasiana. Assinale a alternativa em que as características descritas se referem ao parnasianismo.

- a) Busca da objetividade, preocupação acentuada com o apuro formal, com a rima, o ritmo, a escolha dos vocábulos, a composição e a técnica do poema.
- b) Tendência para a humanização do sobrenatural, com a oposição entre o homem voltado para Deus e o homem voltado para a terra.
- c) Poesia caracterizada pelo escapismo, ou seja, pela fuga do mundo real para um mundo ideal caracterizado pelo sonho, pela solidão, pelas emoções pessoais.
- d) Predomínio dos sentimentos sobre a razão, gosto pelas ruínas e pela atmosfera de mistério.
- e) Poesia impregnada de religiosidade e que faz uso recorrente de sinestésias.

Comentários: As características da poesia parnasiana mais importantes estão presentes no poema:

Busca da objetividade: “a minha ideia / Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a”

Preocupação acentuada com o apuro formal, com a rima, a composição e a técnica do poema: soneto, com rima regular e métrica regular (10 sílabas poéticas)

Ritmo: “Em vão não é que eu digo ao verso”

A escolha dos vocábulos: “quer amplo e terso,” ao invés de grande e puro.

Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o poema fala sobre a composição poética, não sobre a oposição homem e Deus.

A alternativa C está incorreta, pois não há fuga para o mundo das ideias, mas sim a descrição do trabalho de composição poética.

A alternativa D está incorreta, pois a razão é mas importante que a emoção nesse poema. A produção de uma obra de arte é descrita como algo muito racional.

A alternativa E está incorreta, pois a sinestesia é a mistura de sensações e isso não ocorre aqui.

Gabarito: A

26. (FGV - 2010)

O Colocador de Pronomes (excerto)

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. (...)

Vivia em paz com as suas certidões quando o flechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da família (...).

Triburtino não era homem de brincadeira. (...) Toda gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecechos enfarruscados nem tutos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distância hierárquica que os separava. Namoro à moda velha, já se vê, pois que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, à missa, troca de olhares, diálogos de flores – o que havia de inocente e puro. (...) Depois, a serenata fatal à esquina, com o “Acorda, donzela...” sapecado a medo num velho pinho de empréstimo. Depois, bilhete perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhete, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências: “Anjo adorado! Amo-lhe!”

Para abrir o jogo bastava esse movimento de peão. Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhete celestial e, depois de três dias de sobrececho carregado, mandou chamá-lo à sua presença, com disfarce de pretexto – para umas certidõeszinhas, explicou.

(...) Mal o pilhou portas aquém, o coronel trancou o escritório, fechou a carranca e disse: –A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca – nunca, ouviu? – que contra ela se cometa o menor deslize.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhete cor-de-rosa, desdobrou-o.



– É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

– Muito bem! Continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estratégica.

– ... é casar! Concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e com lágrimas nos olhos disse, gaguejante:

– Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

– Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E voltando-se para dentro, gritou:

– Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

– Laurinha, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.

– Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha dizendo que ama-“lhe”. Se amasse a ela deveria dizer amo-“te”. Dizendo “amo-lhe” declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha mulher...

Monteiro Lobato, Negrinha.

Quanto aos procedimentos de construção, o discurso do narrador caracteriza-se pela

- a) preferência por verbos na voz passiva, a fim de indicar a indeterminação do autor da ação.
- b) fusão de vocabulário culto com expressões de uso coloquial e da variedade regional.
- c) incorporação, por meio do discurso indireto, da maioria das falas das personagens.
- d) ausência de linguagem figurada visando dar maior objetividade à narrativa.
- e) omissão dos nexos entre termos e orações, especialmente nos trechos que contêm reflexões sobre sentimentos.

Comentários: Um dos traços desse movimento literário é o uso da linguagem informal ou da coloquialidade. Aqui, o autor mistura elementos de linguagem formal com outros da linguagem popular. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois os verbos estão na sua maioria na voz ativa, não na voz passiva.



A alternativa C está incorreta, pois o texto se estrutura em discurso direto, fazendo uso de travessões para indicar as falas.

A alternativa D está incorreta, pois há, principalmente nas descrições, um uso de linguagem figurada.

A alternativa E está incorreta, pois a ausência de conectivos ocorre mais quando há a descrição de ações, como em “Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhetinho cor-de-rosa, desdobrou-o.”

Gabarito: B

Texto para as questões 27 e 28

Considere o soneto *Acrobata da dor*, do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898):

Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
Salta, gavroche, salta *clown*, varado
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa,
nessas macabras piruetas d’ aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(João da Cruz e Sousa. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1961.)

27. (UNESP - 2010)

No poema, os conceitos relacionados com a alegria e o riso, característicos da imagem dos palhaços, são aproximados de conceitos como dor, tristeza, agonia, sangue. Aponte a alternativa que melhor justifica essa aproximação de conceitos contraditórios:

- As imagens de “palhaço” e “coração” apontam a um mesmo significado, o próprio homem, apresentado como um ser cuja imagem de alegria apenas disfarça tristezas, dores, sofrimentos.
- O “palhaço” é comparado com o “acrobata” que caiu, donde a ocorrência de imagens relacionadas com sangue e dor.
- O poema de Cruz e Sousa constitui uma alegoria da vida circense em todos os seus aspectos.

- d) É tradicional na literatura explorar o tema do palhaço sob os vieses da superação e da frustração.
- e) Os poetas simbolistas tinham uma tendência doentia a utilizar temas relacionados com dor, sangue e sofrimento.

Comentários: O palhaço do poema é uma metáfora para o coração do eu-lírico. O palhaço, independente de seus sentimentos, deve disfarçar e fazer os outros rirem. Assim, ele não demonstra seu sofrimento e está sempre parecendo feliz. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois as referências a sangue e dor são metafóricas para denotar o sofrimento do coração.

A alternativa C está incorreta, pois as referências ao circo são apenas metáforas. O poema fala sobre a necessidade de esconder suas emoções dos outros.

A alternativa D está incorreta, pois não é necessariamente tradicional na literatura fazer uso da figura do palhaço como metáfora para o sofrimento.

A alternativa E está incorreta, pois os simbolistas tratavam de temas da morte e do onírico, mas isso não pode ser considerado doentio.

Gabarito: A

28. (UNESP - 2010)

O Simbolismo se caracterizou, entre outros aspectos, pela exploração dos sons da língua para estabelecer nos poemas uma musicalidade característica, por meio de diferentes processos de repetição de sons ao longo dos versos e em estrofes inteiras. Na primeira estrofe do soneto de Cruz e Sousa nota-se esse procedimento de repetição, especialmente no

- I. primeiro verso.
 - II. segundo verso.
 - III. terceiro verso.
 - IV. quarto verso.
-
- a) I e II.
 - b) I e III.
 - c) I e IV.
 - d) I, II e IV.
 - e) II, III e IV.

Comentários: A estrofe em questão é:

- (v. 1) Gargalha, ri, num riso de tormenta,
- (v. 2) como um palhaço, que desengonçado,
- (v. 3) nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
- (v. 4) de uma ironia e de uma dor violenta.

No verso 1, há repetição do som em R: “Gargalha, **ri**, num **riso** de tormenta”.

No verso 3, há também a mesma repetição: “nervoso, **ri**, num **riso** absurdo, inflado”

Gabarito: B

29. (UFMA - 2009)

O Simbolismo prima pelo subjetivismo, busca a sublimação e valoriza o inconsciente / subconsciente, daí o desenvolvimento de uma linguagem específica e tem como características:

- a) musicalidade, sugestão, linguagem simbólica
- b) linguagem simbólica, humanitismo, sugestão
- c) sugestão, musicalidade, culto da forma
- d) humanitismo, linguagem simbólica, denúncia
- e) culto da forma, sugestão, humanitismo

Comentários: A alternativa que contém apenas características do simbolismo é: “musicalidade, sugestão, linguagem simbólica”, portanto, a alternativa A.

Nas alternativas, as características que não pertencem ao Simbolismo:

Na alternativa B, “humanitismo”.

Na alternativa C, “culto da forma”.

Na alternativa D, “denúncia”.

Na alternativa E, “culto da forma” e “humanitismo”.

Gabarito: A

30. (Insper - 2008)

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,

E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

(ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed.
Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.)

Considere estas afirmações sobre o poema anterior.

- I. O soneto retrata o ciclo da vida, permeado de dor, de sofrimento e da presença constante e ameaçadora da morte inevitável.
- II. O poeta inaugura a temática do Parnasianismo, apresentando imagens repulsivas, inspiradas na morte e na decomposição da matéria.
- III. O amoníaco representa uma metáfora de alma, pois, segundo o poeta, o homem é composto de corpo (carbono) e alma (amoníaco). No fim da vida, o corpo (orgânico) apodrece, enquanto a alma (inorgânica) mantém-se viva na terra.

Está(ão) correta(s):

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) Apenas II e III.

Comentários:

A afirmação I é correta, pois o poema de Augusto dos Anjos traz elementos biológicos na descrição do homem, lembrando o tempo todo que o fim do ciclo da vida é a morte.

A afirmação II é incorreta, pois o parnasianismo não possui essas características. Augusto dos Anjos é um poeta pré-modernista.

A afirmação III é incorreta. Pensando a partir da Química, a atmosfera primitiva, atmosfera primordial para a construção da vida na Terra, apresentava CH₄, NH₃, H₂O e H₂. A dissolução de NH₃ em água produz o hidróxido de amônio, que é, comercialmente, chamado de amoníaco. O carbono estaria representado como um dos elementos químicos encontrados no metano (CH₄). Portanto, o amoníaco não representa a metafísica, mas sim o nascimento do poeta e o início do ciclo da vida.

Gabarito: A

5 – REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00054a.pdf>> Acesso em ago. 2019.

BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000013.pdf>> Acesso em ago. 2019.

BILAC, Olavo. As viagens. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000181.pdf>> Acesso em ago. 2019.

BILAC, Olavo. Via-Láctea. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000252.pdf>> Acesso em ago. 2019.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017.

CÂNDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00015a.pdf>> Acesso em ago. 2019.

CRUZ E SOUSA. Broquéis. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000057.pdf>> Acesso em ago. 2019.

GUIMARÃES, Alphonsus de. Poemas. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00015a.pdf>> Acesso em ago. 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sei que esse assunto cai pouco na prova do ITA, mas esse assunto é muito importante!

Os autores desses movimentos são importantes por **anteciparem características do Modernismo**. Portanto, **se você compreender bem esse material agora, você se sentirá mais pronto nas aulas dos próximos movimentos literários**.

Na próxima aula, veremos um movimento muito importante: o **Modernismo de 22**.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.ª Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	22/08/2019	Primeira versão do texto.

